

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA

PROGRAMA DE MESTRADO INTERINSTITUCIONAL EM LINGUÍSTICA

ANTONIO AUGUSTO ARAUJO MACHADO

**ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO FEMININO EM PIADAS
SOBRE A MULHER**

Fortaleza

2009

ANTONIO AUGUSTO ARAUJO MACHADO

**ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO FEMININO EM PIADAS
SOBRE A MULHER**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Interinstitucional em Linguística - MINTER UFC/UFMA como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a.Dr^a.Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin

Fortaleza

2009

Machado, Antonio Augusto Araujo

Estudo das representações sociais do gênero feminino em piadas sobre a mulher / Antonio Augusto Araujo Machado. – Fortaleza: UFC/UFMA, 2009.

121f.

Orientadora: Prof^a.Dr^a.Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin

ANTONIO AUGUSTO ARAUJO MACHADO

**ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO FEMININO EM PIADAS
SOBRE A MULHER**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Interinstitucional em Linguística -
MINTER UFC/UFMA como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin (Co-orientadora)

Universidade Federal do Ceará

Prof(a). Dr(a).Luciane CorrêaFerreira

Universidade Federal do Ceará

Prof(a). Dr(a).Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Ribamar Mendes Bezerra

Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me dado forças para encarar e superar os obstáculos ao longo deste trabalho;

À meus pais, Antonio e Augusta, pelo incentivo, pois sem eles eu não teria chegado até aqui;

À professora Lívia Baptista, pela orientação dedicada e pelos seus valorosos ensinamentos, apontando caminhos para o percurso deste trabalho;

À professora Eulália Leurquin, pela co-orientação, paciência e estímulo, que me deu nos momentos em que me sentia quase sem forças para continuar;

À minha sogra, Adriana, pelo espaço silencioso cedido em sua casa;

À Carlos Henrique e Sandra ,meus cunhados, pelo apoio técnico;

À Professora Elza Belo, por me encorajar e gentilmente me emprestar dezenas de livros;

Aos meus irmãos, Lisboa, Ana e Manuel por entenderem a minha ausência nos momentos em que eu era solicitado;

Um agradecimento muito especial à minha esposa, Roseane, pelas horas de companhia, paciência e assessoria constante, ajudando-me a superar os obstáculos e, sobretudo, por me fazer acreditar que era capaz.

Finalmente, gostaria de agradecer de forma muito especial à Giovanna, fruto que foi gerado durante todo esse processo e a quem dedico com muito amor e carinho.

À minha esposa Roseane e minha filha Giovanna por entenderem minha ausência, tanto física, quanto psicológica e que sempre me dedicaram amor e carinho, durante essa longa jornada. Vocês são os meus pilares de sustentação e justificam qualquer esforço. O caminho que trilho é sempre aquele que julgo ser o melhor para vocês e, com isso, o melhor para mim também. Amo vocês.

RESUMO

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, tem por fim analisar as representações sociais do gênero feminino nas *piadas* de mulher loira e propõe-se como objetivo estudar as estratégias lingüístico-discursivas empregadas e de que forma elas contribuem para a manutenção de um *discurso machista* que sustenta o estereótipo mulher loira como burra e sexualmente disponível. O *corpus* para a pesquisa foi obtido através da internet, considerando como requisito básico a determinação de certos lugares enunciativos, que orientariam a análise. Para tal estudo, além de considerarmos a abordagem de Moscovici acerca das *representações*, buscamos a base teórica proveniente da Análise do Discurso francesa, priorizando as contribuições de Maingueneau acerca da *polifonia* e *cena enunciativa*, categorias estas que nos permitiram uma análise mais apurada quanto às marcas deixadas no discurso, a construção de cenas no espaço discursivo e a manifestação de um espaço interdiscursivo e de que formas estes concorriam para a formação dessas *representações*. O estudo das *representações* através do exame das piadas se deve ao fato de que consideramos que estas se tornam importantes disseminadoras de representações e estereótipos, rentáveis para uma análise lingüística e discursiva, tal como a proposta. Este estudo se justifica não só por estar entre um universo de poucos trabalhos sobre o estudo de cunho humorístico, mas pela abordagem que faz, ao partir da *polifonia* e da *cena enunciativa* para examinar o funcionamento das piadas e a questão das representações sociais voltadas para a figura da mulher loira. Dessa forma, os resultados obtidos poderão apontar novos caminhos a serem trilhados na lingüística, análise do discurso ou outro campo da ciência que precise encontrar na linguagem a resposta para seus questionamentos no que se refere à relação entre representações, estereótipos e piadas.

Palavras-chave: piadas; discurso machista; representações; polifonia; cena enunciativa.

ABSTRACT

This qualitative research intends to analyse the Social *representations* of the female gender in *jokes* concerning blondies, in order to study the discourse-language strategies used and how they work for keeping a *sexist discourse* which provides for a stereotyped image of that woman as “stupid” and sexually available. The *corpus* for this research comes from the *internet*, considering as a basic requirement the determination of spaces of enunciation which guides the analysis. For this study, besides taking into account Moscovici’s approach on *representations*, we focus on the theoretical basis from the French Discourse Analysis, highlighting Maingueneau’s views concerning *polyphony* and *scene of enunciation*, which enabled us to develop a more accurate analysis of the discourse marks, the building up of a scenery in the discourse and the manifestation of an interdiscursive space and the way they led to give birth to the representations. The study of representations in jokes is due to the fact that we consider them important vehicles for representations and stereotypes alike, being profitable for both a linguistic and discursive analysis as it is our proposal. This research becomes important not only for being one among a universe of a few ones, concerning humour, but also for its approach on polyphony and scene of enunciation to understand about the way jokes function and the matter of the social representations involving the character of the blonde woman. The results of this research may point out new horizons to be discovered in Linguistics, Discourse Analysis and other fields of knowledge which need to find in language the answers to their inquiries, in terms of relating representations, stereotypes, and jokes.

Key words: jokes; sexist discourse; representations; polyphony; scene of enunciation.

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---|-----|
| | INTRODUÇÃO | 9 |
| 1. | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 13 |
| 1.1 | Piadas: um texto humorístico proibido? | 13 |
| 1.2 | O fenômeno das representações sociais | 16 |
| 1.2.1 | As duas funções das representações..... | 19 |
| 1.2.2 | Os dois processos geradores das representações..... | 23 |
| 1.3 | Sobre a Polifonia | 28 |
| 1.3.1 | Modalização em discurso segundo..... | 30 |
| 1.3.2 | Discurso direto..... | 31 |
| 1.3.3 | Discurso indireto..... | 32 |
| 1.3.4 | Aspas..... | 33 |
| 1.3.5 | Ironia..... | 33 |
| 1.3.6 | Negação..... | 35 |
| 1.3.7 | Pressuposição..... | 35 |
| 1.4 | Cena enunciativa | 39 |
| 1.4.1 | Cena englobante..... | 40 |
| 1.4.2 | Cena genérica..... | 41 |
| 1.4.3 | Cenografia..... | 41 |
| | | |
| 2 | METODOLOGIA DA PESQUISA | 46 |
| 2.1 | Natureza da pesquisa | 46 |
| 2.2 | Metodologia de análise | 46 |
| 2.3 | Seleção e delimitação do <i>corpus</i> | 47 |
| 2.4 | Procedimentos de análise | 49 |
| | | |
| 3 | ANÁLISE DE <i>CORPUS</i> | 51 |
| 3.1 | Texto humorístico: a piada | 51 |
| 3.2 | Representações da mulher loira em piadas | 73 |
| 3.3 | Análise dos dados | 92 |
| | | |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 121 |
| | | |
| | REFERÊNCIAS..... | 124 |
| | ANEXO..... | 126 |

INTRODUÇÃO

Quando iniciamos este trabalho, a predileção pelo texto humorístico já era uma tendência forte dentro do que denominamos “embrião” da pesquisa. Embora o interesse inicial fosse trabalhar com tiras de humor, foi nas piadas que encontramos maior acessibilidade e disponibilidade de material para a formação de um corpus que poderíamos utilizar em nosso estudo. Ao efetuarmos o recorte, por necessidades analíticas, optamos pelas piadas de mulher loira, visto que verificamos, dada a sua grande popularidade e disponibilidade, apresentar um campo profícuo para estudos e, também, para a formação de um corpus que atendesse aos parâmetros estipulados para a realização da presente pesquisa.

Um dos motivos que nos levou a fazer a escolha pelo texto humorístico e, especialmente, o das piadas, surgiu de uma inquietude particular, pois quem nunca ouviu uma piada e, mesmo rindo após ouvi-la, no fundo não se sentiu incomodado com ela? Talvez por ferirem preceitos ou conceitos que temos acerca de coisas que nem sequer discutimos abertamente, como a formação religiosa, deficiência física, as preferências sexuais, a vida conjugal, a identidade racial? Quantas vezes não tivemos que rir de piadas que, na verdade, tratam de questões sérias e com relação as quais temos nossos próprios posicionamentos?

Tornou-se senso comum eleger-se a mulher loira como principal alvo de piadas em torno de mulheres, nas quais ela é constantemente desqualificada, sobretudo em dois aspectos principais: o de ser burra e estar sexualmente disponível. A isso se soma o fato de constatarmos a presença de um discurso machista que sustenta e veicula estereótipos em torno desse tipo de mulher em particular. Ora, essas constatações nos levaram a refletir, questionar e formular objetivos para nossa pesquisa, dentre os quais mencionamos: descobrir quais estratégias lingüístico-discursivas selecionadas pelo enunciador são empregadas e associadas com as representações da mulher loira em destaque nas piadas e como elas se mobilizam para a manutenção de um discurso machista, que promove a desqualificação dessa mulher; como tais estratégias se relacionam com a cena enunciativa e promove a adesão do coenunciador e também verificar como essas representações apontam para um espaço de interdiscursividade e prática da linguagem.

Postos os objetivos, partimos para a definição e eleição das categorias de análise que adotaremos na pesquisa, a saber: a polifonia e a cena enunciativa, que nos permitirão investigar as representações existentes em torno da mulher loira e do discurso machista que as sustentam. Antes de iniciarmos qualquer trabalho de cunho científico, é preciso substanciar e alicerçar o embasamento teórico que respaldará a pesquisa. Recorremos a diversas leituras, sabendo que estávamos trilhando o caminho da Análise do Discurso da escola francesa, que daria direcionamento ao nosso trabalho. Para a questão das representações sociais, trazendo-as para a análise do discurso, buscamos o arcabouço teórico desenvolvido por Moscovici (2000) e para as categorias de análise - a polifonia e cena enunciativa - recorremos a Maingueneau (2001), para destacar as principais leituras feitas, mas não descartamos outras leituras, com outros teóricos, que, eventualmente, prestam contribuição ao trabalho.

A coleta do corpus, composto por piadas, foi feita através da *internet*. Da mesma forma, procuramos utilizar esse meio de pesquisa para tomarmos conhecimento dos trabalhos (artigos, monografias e dissertações) existentes no meio acadêmico a respeito do nosso objeto de estudo. Sobre piadas, encontramos um número reduzido de trabalhos para um vasto campo de pesquisa existente. Recorrendo a livros, sobretudo, que pudessem nos fornecer embasamento teórico necessário para pesquisa, partimos para o trabalho de elaboração propriamente dito, levando em conta os questionamentos levantados e a aplicação das categorias de análise que achamos pertinentes para a execução deste trabalho.

Nossa análise consistiu em selecionar um total de dez piadas do *corpus* pesquisado e, a partir daí, decidimos dividir em etapas, focando nossa atenção em cada aspecto por vez, buscando sua relação com as representações, como o discurso

contido nas piadas, a polifonia e a cena enunciativa. Buscamos fornecer exemplificações das categorias de análise dentro das piadas e, da mesma forma substanciar a fundamentação teórica.

No que tange à questão das piadas como objeto de estudo, esta pesquisa tem a intenção de somar-se a outras já pesquisadas a nível acadêmico, como piadas de empregada doméstica, piadas de casamento, tiras cômicas e piadas, entre outras. Verificamos que há poucas pesquisas feitas nesse campo, que ainda não foi devidamente explorado, portanto, sentimo-nos inclinados a dar uma contribuição através do viés linguístico e apoiado pela Análise do Discurso. Consideramos, sobretudo, que o estudo da cena enunciativa em piadas vem a ser um valioso elemento nesse tipo de pesquisa, mas jamais foi nossa intenção sermos conclusivos; ao contrário, esperamos que as lacunas e fendas que deixamos abertas possam incitar outros pesquisadores a mergulharem na pesquisa e que possam, de certa forma, saciar o gosto pelo conhecimento.

A seguir, descreveremos as seções do presente trabalho.

Na seção 1, tecemos as considerações teóricas que norteiam este trabalho: o fenômeno das representações sob a ótica de Moscovici; a polifonia e a cena enunciativa na visão de Maingueneau. Na seção 2, discorreremos sobre o tipo de pesquisa e todo o procedimento metodológico; na seção 3, tratamos da análise do *corpus* da pesquisa, ou seja, a análise das piadas de mulher loira. Nesta etapa, desenvolvemos a análise em subseções, para que possamos destacar melhor o estudo de cada categoria.

Por fim, partimos para as considerações finais, com os resultados obtidos até o momento, pois sabemos que nosso trabalho não estará concluído, pois sempre vai haver outras possibilidades de interpretações acerca do objeto em foco, em concreto, das relações entre representações, piada e discurso.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Piadas: um texto humorístico proibido?

Rimos, na maioria das vezes, porque achamos algo engraçado. Rimos de alguém, de algo, como pode ser uma situação inusitada ou inesperada que nos toma de assalto e que foge à regra ou à norma de conduta com a qual estamos acostumados em nosso dia a dia. Rimos, acima de tudo, de circunstâncias e características que envolvem pessoas que, como se diz popularmente, acabam virando motivo de piadas.

Bergson (2007), ao tratar sobre o riso em **O riso: Ensaio sobre a significação da comicidade** lança o olhar da filosofia ao enfatizar a importância do ser humano na produção do riso, afirmando que por mais que achemos algo engraçado, seja na natureza ou em algum animal, é no fundo, a sua semelhança com o ser humano que nos faz rir. Ele assim resume esse posicionamento: “Não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano”.

Não nos deteremos no exame das considerações acerca do riso, que é por demais passível de uma vasta análise e foge do escopo deste estudo, já que nosso é uma análise discursiva das piadas e não propriamente um exame do humor e do riso na vertente proposta pelo autor. Sendo assim, particularmente, interessará examinar piadas de mulheres loiras, tendo em vista como são construídas as representações acerca dessa mulher num dado espaço discursivo.

Conforme Possenti (1998, p.25), as piadas são de fato um tipo de material altamente interessante para estudo; pois: “Só há piadas sobre temas que são

socialmente controversos”. Esse seria, segundo o autor, um dos pontos que tornaria valioso o estudo das piadas por parte de diversos segmentos do conhecimento, como a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia e a Linguística. Outro ponto mencionado pelo autor se refere ao fato de que muitas das piadas veiculam representações grosseiras e estereotipadas de grupos sociais, sobretudo, aqueles considerados “menos favorecidos” como, por exemplo, seriam os judeus, negros, homossexuais, dentre outros.

Outra consideração que Possenti (1998) faz quanto à importância do estudo de piadas é o fato delas veicularem sempre um discurso proibido, um discurso não explicitado de modo corrente. Se atentarmos bem para as palavras do autor, verificamos que os temas abordados nas piadas, em geral, podem ser polemizados e polêmicos, como os relacionados com a religião, o casamento, a identidade racial, a sexualidade ou o sexo, a velhice, pois direta ou indiretamente versam sobre conceitos e idéias que temos e muitas vezes evitamos discutir, pois, como dissemos, geram discussões e polêmica. É como se o ato de contar uma piada significasse enveredar por um caminho subversivo às normas da ética de conduta social que determina o que deve ou não ser dito. Dessa forma, o proibido seria permitido nas piadas, sem receios de infringir normas de conduta. Assim, por exemplo, dificilmente alguém comentaria algo a respeito de uma particularidade física muito evidente em outra pessoa, como a cor do cabelo, um defeito físico, uma marca, uma cor de pele ou outra característica como a condição social ou opção sexual evidenciada, pois seria politicamente incorreto. De certa forma, a pessoa que o fizesse estaria expondo seu preconceito, seu racismo, sua intolerância, seu machismo e todos aqueles substantivos que a sociedade procura repudiar, imprimindo-os um silencioso rótulo de “proibido”. Porém, por meio das piadas, o locutor é isentado de qualquer atribuição quanto ao que foi dito, o que lhe configura anonimato, já que sendo piada, pode veicular livremente e

qualquer tema é bem aceito, não importando qual a posição ideológica ou opinião pessoal do locutor. A respeito, Possenti (1998, p.26) afirma: “As piadas são interessantes porque são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas [...]”.

A partir daí, retomamos o nosso ponto. Há diversas piadas que envolvem mulheres, o que pode ser fruto de um discurso machista que ainda vigora em nossa sociedade. O que nos chamou a atenção foi o fato de um tipo de mulher ter se tornado o alvo principal dessas piadas: a mulher loira. Assim, a mulher loira na mídia, sobretudo no cinema, representa glamour, estilo e sedução. Já nas piadas populares, que ouvimos em algumas ocasiões, elas são depreciadas, sobretudo em dois aspectos principais: por serem burras ou estarem sempre disponíveis sexualmente.

Por que seriam essas mulheres alvos de piadas? Como se apresentam essas representações que são criadas em torno dessa mulher nas piadas? E mais, quais são os mecanismos linguísticos empregados nesse discurso, sempre no intuito de expor a mulher ao riso, ao risível, configurando um discurso machista? Por que rimos de tudo isso?

Com todos esses questionamentos em mente, empreender este estudo que consideramos relevante, não só pelo aspecto sócio-histórico ou cultural, mas, e, sobretudo, pelo valor linguístico que se opera no processo de contar uma piada e do qual o locutor nem se dá conta. Por não apresentarem uma autoria explícita, vinculada a um nome ou sujeito, o locutor nunca assume o dito; ele sente-se descompromissado com o enunciado da piada, com a veiculação de um enunciado que seria proibido se dito em qualquer outra via, que não fosse humorística. Não seria, então, através das piadas, que algumas pessoas deixariam entrever algumas posturas que, no fundo, temeriam em revelar? Com base nisso, o discurso machista que veicula e sustenta

essas piadas de mulher loira seria, então, uma forma de se defender contra uma possível ameaça à hegemonia de uma posição dominante, a masculina, que há muito vigora na sociedade (inferência nossa).

Portanto, neste trabalho, a partir do estudo das representações do gênero feminino em piadas de mulher loira, ancoradas numa ótica machista, pretendemos contribuir uma reflexão acerca da necessidade de desnaturalizar certas práticas de linguagem que instauram e legitimam um lugar enunciativo e uma forma de dizer e validar sentidos.

No próximo item, explicitaremos o que entendemos por representação e como esse conceito será empregado em nosso estudo.

1.2 O fenômeno das representações sociais

Segundo Moscovici (2000), para entender-se o fenômeno das representações sociais, convém diferenciar duas crenças: a do pensamento primitivo e a do pensamento científico, às quais sumariamente nos reportamos.

O pensamento primitivo está fundamentado na crença do “poder ilimitado da mente” em confrontar a realidade, em penetrá-la e ativá-la e, ainda, em determinar o curso dos acontecimentos. Já a crença em que se baseia o pensamento científico é exatamente a oposta, já que considera o “poder ilimitado dos objetos” no sentido de conformar o pensamento, de determinar completamente a sua evolução e desse ser interiorizado na e pela mente.

No primeiro caso, qual seja o do pensamento primitivo, nossos desejos se tornam realidade, e, no segundo, o do científico, pensar passa a ser transformar a realidade em nossos desejos, despersonalizando-os. No entanto, as duas atitudes são simétricas, pois partilham a mesma causa, ou seja, a do medo instintivo do homem de

poderes que ele não pode controlar e sua tentativa de poder compensar essa impotência imaginativamente. A diferença, portanto, está em que a mente primitiva se amedronta diante das forças da natureza, enquanto a científica, diante do poder do pensamento. De certa forma, ambas representam um aspecto real da relação entre nossos mundos internos e externos e isso é algo que devemos aceitar.

Ainda na visão de Moscovici (2000), percebemos o mundo tal como é e todas nossas percepções, idéias e atribuições são respostas a estímulos do ambiente físico ou quase-físico, em que vivemos. O que nos distingue é a necessidade de avaliar seres e objetos de modo correto, de compreender a realidade completamente, e o que distingue o meio ambiente é a sua autonomia, sua independência com respeito a nós, ou mesmo sua indiferença com respeito a nós e nossas necessidades e desejos.

A Psicologia Social, que é uma manifestação do pensamento científico, pressupõe que:

1. Os indivíduos normais reagem a fenômenos, pessoas ou acontecimentos do mesmo modo que os cientistas ou estatísticos, e
2. Compreender consiste em processar informações.

No entanto, para Moscovici (2000), tais pressupostos se contradizem por alguns fatos comuns, como, em primeiro lugar, a observação familiar de que nós não somos conscientes de algumas coisas óbvias; de que não conseguimos ver o que está diante de nossos olhos, como se nossa percepção estivesse “eclipsada” de tal forma que uma determinada classe de pessoas se tornassem invisíveis para nós, quando, de fato, elas estariam-nos “olhando de frente”. Moscovici (2000) refere-se, aqui, aos

negros vistos por alguns brancos, idosos vistos por jovens, pobres vistos por alguns ricos ou vice-versa.

Em segundo lugar, percebemos que alguns fatos que aceitamos sem discussão, que são básicos ao nosso entendimento e comportamento, repentinamente transformam-se em meras ilusões. A crença, por milhares de anos, de que o sol girava em torno de uma terra parada, por exemplo, mudou a partir dos estudos de Copérnico, e, o que ficou em nossas mentes foi a imagem de um sistema planetário em que o sol permanece parado, enquanto a terra gira a seu redor. Distinguimos, pois as aparências da realidade das coisas, mas nós a distinguimos precisamente porque nós podemos passar da aparência à realidade através de alguma noção ou imagem.

Em terceiro lugar, nossas reações aos acontecimentos, nossas respostas aos estímulos, estão relacionadas a determinada definição, comum a todos os membros de uma comunidade à qual pertencemos. Moscovici (2000) cita o caso de um acidente numa estrada visto por alguém que passa e, não o testemunhou, mas que pode presumir o acidente por ver o carro tombando, pessoas feridas, ambulância, policial fazendo perícia, enfim, todo um cenário de colisões e acidentes que nos acostumamos a ver nos jornais diariamente e que estão diretamente relacionados a um grau de urbanização de uma dada sociedade.

Em cada um desses casos, argumenta Moscovici (2000), notamos a intervenção de representações que relacionam a aparência à realidade ou àquilo que define essa realidade. O que o autor quer dizer é que tais representações não correspondem a algo que nós chamamos de mundo externo, mas que, no que se refere à realidade, essas representações são tudo o que nós temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos, como cognitivos, estão ajustados.

De fato, prossegue Moscovici (2000), nos encontramos em dois extremos, onde de um lado, percebemos um mundo em que estamos familiarizados com coisas feitas pelos homens, representando outras coisas feitas pelos homens e, no outro extremo, com substitutos por estímulos, cujos originais, seus equivalentes naturais, tais como partículas ou genes, nós nunca veremos. Assim, nos encontramos em um dilema, já que necessitamos de um ou outro signo, que nos auxiliará a distinguir uma representação de outra ou uma representação do que ela representa, algo como, por exemplo, “essa é uma representação” ou “essa não é uma representação”.

1.2.1 As duas funções das representações

Podemos encontrar uma maneira melhor de descrever como as representações intervêm em nossa atividade cognitiva e até que ponto elas são independentes dela ou a determinam?

Moscovici (2000) afirma que se nós aceitamos que sempre existe certa quantidade, tanto de autonomia como de condicionamento em cada ambiente, seja natural ou social, podemos considerar duas funções para as representações:

Em primeiro lugar, elas formam convenções para os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e, gradualmente, as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Dessa forma, passamos a afirmar que a terra é redonda, associamos comunismo com a cor vermelha e inflação com o decréscimo do valor do dinheiro, por exemplo. Quando uma pessoa ou objeto não se encaixa exatamente no modelo, é forçado por nós a assumir

uma determinada forma, entrar em determinada categoria, até tornar-se idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado.

Nossas experiências são somadas a uma realidade predeterminada por convenções, que claramente define suas fronteiras, distingue mensagens significantes de mensagens não significantes e que liga cada parte a um todo e coloca cada pessoa em uma categoria distinta. Moscovici (2000) cita como exemplo, o caso dos criminosos de guerra, responsáveis por atrocidades que não serão facilmente esquecidas, sobretudo pelos que foram vítimas direta ou indiretamente. Outros, porém, que os conheceram e tinham alguma familiaridade com eles, elogiaram sua humanidade, gentileza e profissionalismo, como qualquer cidadão empregado e que exerce com competência sua função para com o Estado ou pátria.

Essas convenções, portanto, nos ajudam a interpretar uma mensagem como significativa em relação a outras e quando vê-la como acontecimento fortuito ou casual. Algumas vezes é suficiente apenas mover um objeto ou pessoa de um contexto a outro para que os vejamos sob um novo prisma e saibamos se são, realmente, os mesmos.

Segundo Moscovici (2000), nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Organizamos nossos pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. No entanto, podemos nos tornar conscientes do aspecto convencional da realidade e tentar escapar das exigências que são impostas a nossas percepções e pensamentos. Mas não podemos imaginar que vamos poder nos libertar sempre das convenções ou eliminar todos os preconceitos. Moscovici (2000) diz que melhor seria encontrar uma única representação, em vez de negar as convenções e preconceitos, ou seja,

deveríamos isolar quais representações são inerentes nas pessoas e objetos que nós encontramos e descobrir o que representam exatamente.

Em segundo lugar, Moscovici (2000) expõe que representações sociais são prescritivas, isto é, elas impõem-se com a força de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado, como uma resposta pronta, em um jargão psicanalítico. A todas as questões que alguém busca responder, suas ações fracassadas ou bem-sucedidas, haverá uma explicação pronta, que a levará de volta à sua primeira infância, ou a seus desejos sexuais. Moscovici (2000) menciona a psicanálise como uma representação.

Outra afirmação, sob a ótica de Moscovici (2000), é de que as representações, que são partilhadas e influenciam a mente de tantos, não são pensadas, mas sempre re-pensadas, re-criadas e re-apresentadas.

Se alguém exclamar, por exemplo, “fulano é louco”, parar e então se corrigir dizendo: “Não, eu quero dizer que ele é um gênio”, concluímos que ele cometeu um ato falho freudiano. Isso, porém, não é resultado de um raciocínio, pois apenas relembramos sem pensar em nada mais, nem sequer a definição do que seja um ato falho freudiano. Dessa forma, segundo o autor, é fácil verificar por que a representação que temos de algo não está diretamente relacionada à nossa maneira de pensar e o que pensamos depende de tais representações.

Com isto, o autor quer dizer que as representações são impostas sobre nós, elaboradas no decurso do tempo e mantidas através das gerações.

Todos os sistemas de classificação, imagens e descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam uma

estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem de tal forma que reflete um conhecimento prévio em detrimento da informação presente. Dessa forma, nossas experiências e idéias passadas não são experiências ou idéias mortas, mas continuam a mudar e a infiltrar, de forma ativa, nossas idéias e experiências atuais. Sob muitos aspectos, diz Moscovici (2000), o passado é mais real que o presente.

Moscovici (2000) considera que as representações são entidades sociais, com vida própria e comunicando-se entre elas, opondo-se mutuamente e mudando em harmonia com o curso da vida. Ele afirma ainda que elas co-existem e circulam através de várias esferas de atividade e obedecem a uma certa hierarquia, onde uma delas terá precedência conforme nossa necessidade, quando nos referimos a pessoas ou coisas. Se ocorrer alguma mudança nessa hierarquia, no caso, alguma idéia-imagem for ameaçada de extinção, todo nosso universo se prejudicará.

Moscovici (2000) quer afirmar com isso que decisões simples, como uma mudança no vocabulário, por exemplo, da terminologia médica poderia causar-nos transtornos, pois poderíamos perder não apenas uma palavra que não constaria num determinado dicionário, mas perderíamos também todo um contexto cultural. Se a palavra “Neurose”, por exemplo, desaparecesse do vocabulário médico, conseqüentemente, a palavra “neurótico” perderia o seu valor compreensivo ou explicativo como quando dizemos “ ah, esquece isso. Fulano é neurótico. Ele não fez por mal”. É como se, ao chamar alguém de “neurótico”, nós o eximimos de culpa por seus atos e colocamos sobre nós o peso de conviver com alguém assim em nossa sociedade. Por outro lado, se a palavra “neurose” desaparecesse e fosse substituída pela palavra “desordem”, esse fato teria conseqüências muito além de seu mero significado em uma sentença, ou na psiquiatria. Nossas inter-relações e nosso pensamento coletivo, afirma Moscovici (2000), estariam seriamente implicados. As

representações, assim, através de sua autonomia e das pressões que exercem, acabam por se constituir em um ambiente real, concreto, nos confrontando com o peso de sua história, costumes e conteúdo cumulativo, como se fossem realidades inquestionáveis.

1.2.2 Os dois processos geradores das representações

Discorreremos agora, sobre os dois processos que geram representações, segundo as considerações feitas por Moscovici (2000), a saber, a ancoragem e a objetivação.

É necessário que se entenda, antes, que ciência e representações sociais são ao mesmo tempo distantes entre si e complementares. Da mesma forma, o mundo em que vivemos e o mundo do pensamento não é um só e o mesmo mundo. Acreditava-se, no passado, que as ciências seriam um antídoto contra as representações e as ideologias, mas as ciências, na verdade, geram agora tais representações. A ciência era antes baseada no senso comum; agora, senso comum é a ciência tornada comum.

Dessa forma, cada fato ou lugar comum esconde em si, em sua própria banalidade, um mundo de conhecimento, cultura e mistério que deslumbram e encantam. Não é fácil transformar palavras não-familiares, idéias ou seres, em palavras usuais, próximas e atuais. Para dar-lhes uma feição familiar, faz-se necessário recorrer aos dois mecanismos já citados e aos quais passaremos a seguir.

a) Ancoragem: Esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. É fazer algo estranho tornar-se familiar no momento em que determinado objeto ou idéia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é re-ajustado para que se enquadre nela. Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ameaçadoras.

De acordo com Moscovici (2000), temos a tendência a quereremos categorizar, avaliar e rotular algo ao nosso redor e, quando não o conseguimos, passamos a refutar isso com veemência. Criamos, então, uma certa resistência a aceitar as coisas que não conseguimos descrever a nós mesmos e aos outros. O primeiro passo, diz Moscovici (2000), para superar essa resistência em direção à conciliação de um objeto ou pessoa acontece quando somos capazes de colocar tal objeto ou pessoa sob um rótulo, uma determinada categoria ou um nome conhecido. No momento em que podemos falar sobre algo, avaliá-lo e então comunicá-lo, mesmo vagamente, estamos trazendo esse algo não-usual ao nosso mundo familiar; estamos classificando o inclassificável, nominando o inominável, sendo capazes de imaginá-lo, de representá-lo. A representação, na verdade, é um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes.

b) Objetivação: A objetivação é um mecanismo que une a idéia de não-familiaridade com a de realidade, tornando-se a verdadeira essência da realidade. É interessante notar, para que se tenha compreensão desse mecanismo, como teorias incomuns, que ninguém dava crédito algum,

passam a ser normais, críveis e explicadoras da realidade, algum tempo depois. Embora o passar do tempo e dos costumes possam de alguma forma contribuir, essa “domesticação” é o resultado da objetivação, que é um processo mais atuante que a ancoragem.

Pode-se dizer que toda representação torna real (realiza) um nível diferente de realidade. Esses níveis são criados e mantidos pela coletividade e se esvaem com ela.

Objetivar, afirma Moscovici (2000), é descobrir a qualidade icônica de uma idéia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar algo é, entretanto, representar, como se enchêssemos algo vazio com substância. Temos apenas que comparar Deus com um pai e o que era invisível, instantaneamente se torna visível em nossas mentes.

Há, em nosso léxico, um enorme estoque de palavras que se referem a objetos específicos, mas nem todas as palavras que constituem esse estoque podem ser ligadas a imagens ou por não existirem imagens suficientemente acessíveis ou por algumas dessas imagens serem lembradas como tabus. As imagens selecionadas então são integradas ao que Moscovici (2000) chamou de um padrão de núcleo figurativo, ou seja, um complexo de imagens que reproduz visivelmente um complexo de idéias.

Existe ausência de alguns termos, sobretudo aqueles que são objetos de um certo tabu, permanecendo, então, abstratos, como aqueles relacionados à sexualidade, que por si só já trazem uma carga bastante significativa no conjunto de imagens. Deve-se notar que os termos representados são os que são mais conhecidos e mais comumente empregados. É como se a sociedade fizesse uma

seleção daqueles aos quais ela concede poderes figurativos, de acordo com suas crenças e com o estoque preexistente de imagens. Assim sendo: *“Embora um paradigma seja aceito porque ele possui um forte referencial, sua aceitação deve-se também à sua afinidade com paradigmas mais atuais. A concretude dos elementos desse “sistema psíquico” deriva de sua capacidade de traduzir situações comuns”*. (Moscovici, 1961/1976).

Na conjuntura dos mecanismos anteriormente expostos, figura um elemento de extrema importância, que é a memória. É por causa dela que nossas representações tornam algo não familiar em algo familiar; é ela, com sua solidez, que impede que as coisas sofram modificações súbitas e fornece certa independência dos acontecimentos atuais. É da soma de experiências e memórias que extraímos as imagens, linguagem e gestos necessários para superar o não-familiar.

As experiências e memórias não são nem inertes, nem mortas; são, ao contrário, dinâmicas e imortais. Ancoragem e objetivação são, portanto, maneiras de lidar com a memória, de mantê-la em movimento, para dentro e para fora, no ato de representar objetos, pessoas e acontecimentos. A esse respeito, Moscovici oportunamente cita Mead: *“A inteligência peculiar da espécie humana reside nesse complexo controle, conseguido pelo passado.”*(MEAD apud MOSCOVICI, 2000).

As piadas que buscamos analisar giram em torno de estereótipos, o que demonstra ser a pesquisa sobre piadas uma boa fonte para o estudo das representações. É certo que as representações que se apresentam em algumas piadas são de cunho grosseiro, visando ridicularizar ou desqualificar um determinado tipo do grupo social em que vivemos; no caso desta pesquisa, as loiras. No entanto, tais representações não podem deixar de serem contempladas num estudo dessa

natureza, pois nelas reside uma miríade de informações e vivências que, assimiladas e processadas na memória, saltam para a manutenção e emergência de um discurso.

Dessa forma, procuramos entender como as representações se apresentam num espaço discursivo e, no que tange à nossa pesquisa, buscamos evidenciar como elas são construídas nas piadas de mulher loira, uma vez que não poderíamos ignorá-las dado o seu poder de familiarização e inquestionável presença no discurso.

Pelo que já foi exposto acerca da questão, nossa realidade é formada por convenções, onde cada pessoa, objeto ou acontecimento é devidamente categorizada para o reconhecimento e aceitação entre os próprios semelhantes. A piada, como manifestação de um gênero popular, tem o poder de assimilar representações e transformá-las em estereótipos, passando do sério ao jocoso a contextualização de fatos sociais que se repetem à exaustão em nosso dia-a-dia e com os quais aprendemos a conviver.

Assim, reclamar de filas, chamar político de ladrão, caçoar da genitália do japonês tornaram-se fatos tão comuns, que nem sequer refletimos a respeito; simplesmente aceitamos algo que nos é imposto através de gerações. Tal imposição só é possível porque aí opera o fenômeno das representações, que, conforme já foi exposto, encontra na piada um excelente veículo discursivo, num domínio linguístico acessível a todos os públicos. Consideramos, assim, relevante incluímos as representações como uma das categorias de estudos nessa pesquisa, para que possamos examinar como essas representações se manifestam, se reiteram e se constroem discursivamente nesse tipo de texto humorístico, pois saber que fazem parte de nosso convívio não significa compreendê-las.

Buscamos, também, evidenciar a presença de polifonia, através das marcas existentes no discurso. Convém sabermos que a polifonia se caracteriza por diversos pontos de vista ou “vozes” que se manifestam no discurso, através de um enunciador que pode falar por diversos outros enunciadores. Numa das acepções da polifonia, ela intervém para tratar de diversas formas de discurso citado ou representado. Numa outra acepção, só há polifonia se houver vários locutores, reais ou representados. Entendemos, com isso, haver uma intrínseca ligação entre representações e polifonia.

Feitos esses esclarecimentos a respeito da teoria das representações, que subsidia esse estudo, passaremos, a seguir, a tratar da polifonia, categoria fundamental para operacionalizar a análise do *corpus* que constitui o presente trabalho. Essas considerações estão sustentadas de acordo com a visão de Maingueneau (2001).

1.3 Sobre a Polifonia

Bastante corrente na década de 20, o termo polifonia vem a designar o fenômeno da manifestação de vozes que perpassam um determinado discurso, e que falam de pontos de vista diferentes com os quais o leitor se identifica ou não. Inicialmente, foi empregado por Ducrot, mas este não se deteve a analisá-la com profundidade. A polifonia veio a se tornar mais difundida a partir da deferência feita por Bakhtin ao livro sobre Dostoiévski (1929), atribuindo-lhe um valor e sentido totalmente novos.

A respeito da polifonia, Maingueneau (2006, p.384) afirma:

É um termo emprestado da música, que alude ao fato de que os textos veiculam, na maior parte dos casos, muitos pontos de vista diferentes: o autor pode fazer falar várias vozes ao longo de seu texto.

Foi, no entanto, Bakhtin, quem introduziu a noção de polifonia para o estudo da literatura romanesca; a partir de então, ela vem sendo utilizada na lingüística para analisar os enunciados nos quais várias “vozes” são percebidas ao mesmo tempo.

O termo “polifonia” pode ser encontrado em muitos contextos diferentes e este parece funcionar em vários níveis de análise, conforme cita Maingueneau (2006, p.388):

A polifonia lingüística se situa ao nível da língua, tornando-se, então, uma noção puramente abstrata; a polifonia da análise do discurso é um fenômeno de fala e, nesse sentido, concreto. A polifonia literária, enfim, que permanece na tradição bakhtiniana, diz respeito às múltiplas relações que mantém autor, personagens, vozes anônimas (o diz-se), diferentes níveis estilísticos, etc. Falaremos de polifonia se no texto se estabelece um jogo entre várias vozes.

Sabe-se que, geralmente, um ato de fala está associado a um enunciador, que se manifesta como o “eu” do enunciado e que também se responsabiliza por este. A essa noção de responsabilidade, segundo Maingueneau (2001), pode-se associar dois tipos de operação:

a) situar-se como fonte de referências enunciativas, ancorar o enunciado na situação de enunciação;

b) posicionar-se como responsável pelo ato de fala realizado (asserção, pedido, ordem, pergunta etc.). Enunciar uma asserção, no caso, é apresentar seu enunciado como verdadeiro e garantir sua veracidade.

Consideremos o enunciado: “Eu vi você com ele ontem à noite”. O enunciator é aquele em relação ao qual se definem os parâmetros da situação de enunciação: a presença do “eu” indica que o sujeito da frase coincide com o enunciator, o “você” refere-se ao coenunciador selecionado pelo enunciator e “ele” refere-se a alguém não pertencente à dupla de coenunciadores. A presença do passado dos verbos indica que a asserção se refere a um momento anterior à enunciação. A polifonia passa a existir quando se torna possível distinguir em uma enunciação, tanto seus enunciativos, quanto os seus locutores.

Vejamos, agora, alguns aspectos linguísticos que evidenciam marcas da polifonia.

1.3.1 Modalização em discurso segundo

Chama-se discurso relatado quando diante de dois acontecimentos enunciativos, tem-se uma enunciação sobre outra enunciação, que vem a ser uma enunciação citante. A maneira mais simples e mais discreta para um enunciator indicar que não é responsável por um enunciado é indicar que está se apoiando em outro discurso. A isso chama-se modalização em discurso segundo:

Exemplo 1: Segundo a secretária, o diretor não vai convocar mais funcionárias.

Exemplo 2: O tribunal de contas acaba de concluir um inquérito sobre o conselho geral de Minas que, segundo dizem, tenderia a ser crítico.

Libération, 20 de janeiro de 1997.

O aspecto da modalização não é, entretanto, muito comum a determinados tipos de estudo, como o que estamos empreendendo - o das piadas - conforme constataremos mais adiante na seção referente à análise.

Partiremos a outro aspecto, este bastante presente nas piadas que é o discurso direto.

1.3.2 Discurso direto

É o discurso que se propõe a veicular as falas exatas de um enunciador, entretanto, por mais que tente manter fidelidade ao enunciado, sempre haverá o toque pessoal do enunciador. De acordo com Maingueneau (2001), mesmo no discurso direto, as falas poderão sofrer certas modificações por parte de quem as produz ou reproduz; nesse caso ter-se-ia o que ele chama de **enunciação sonhada ou enunciação futura**, o que, de certa forma, acaba isentando o enunciador de responsabilidades da enunciação. Para ele, o que ocorre é que o discurso direto, mesmo quando relata falas ditas como proferidas, acaba por se tratar de uma encenação, visando criar um efeito de autenticidade.

Exemplo 3: O próprio ministro da defesa, Ehud Barak, comandante das operações, usou os termos mais extremos: “Estamos em guerra total contra o Hamas”.

(**Veja**, 7 de janeiro de 2009, p.58)

1.3.3 Discurso indireto

Para Maingueneau (2001), há um grande equívoco em se achar que se pode passar mecanicamente qualquer enunciado do discurso direto para o indireto. Maingueneau defende a posição de que ambos são independentes e cada um obedece às suas próprias esquematizações. Há, então, diversos modos de citar indiretamente uma fala, privilegiando-se o conteúdo do pensamento em detrimento à fala. Passemos a esses exemplos:

Exemplo 4: O diretor da corretora Modal Asset, Alexandre Póvoa, acredita que os mercados ainda podem piorar no primeiro trimestre de 2009.

(**Veja**, 7 de janeiro de 2009, p.49)

Há uma preferência por parte da mídia pelo discurso direto ao invés do indireto, isso porque o direto proporciona uma relação mais direta com o público leitor popular, mais receptivo às palavras das pessoas, como se este fizesse parte da narração ou estivesse presente na situação, já para um público leitor considerado como mais instruído, as empresas jornalísticas recorrem ao discurso indireto, sem necessidade de serem muito explícitos.

Veremos agora como o uso das aspas pode configurar um sinal de polifonia.

1.3.4 Aspas

Indicam que a expressão mencionada não pertence a quem a pronuncia, mas a um determinado locutor, que pode vir ou não identificado no texto. Ao usá-las, o locutor busca se eximir de responsabilidade sobre o que está sendo dito.

Exemplo 5: “No fim de seu segundo mandato, todos os direitos dos cidadãos estarão mediados e condicionados por rótulos oficiais de raça. Seremos “brancos” ou “negros” antes de sermos “brasileiros”.

(Demétrio Magnoli (**Veja**, 7 de janeiro, 2009, p.22)

As aspas nos termos “brancos” e “negros” denotam uma terceira voz que surge no discurso.

1.3.5 Ironia

No que concerne a Ironia, diz Maingueneau (2008, p.175):

A enunciação irônica apresenta a particularidade de desqualificar a si mesma, de se subverter no instante mesmo em que é proferida. Classifica-se tal fenômeno como um caso de polifonia [...].

Afirma ainda Maingueneau (2008) que tal enunciação pode ser analisada em termos de uma encenação por parte do enunciador, expressando com suas palavras a voz de uma personagem ridícula, a qual ele concede a palavra. É como se o enunciador atribuísse a responsabilidade da fala a um outro, que entra em cena no momento de sua enunciação.

No enunciado irônico, portanto, o locutor não assume a responsabilidade pelo enunciado; ele se distancia. Essa distância é evidenciada por diferentes índices, a saber, linguísticos, gestuais e situacionais.

Compreende-se, a partir daí, as dificuldades para transcrever a ironia, pois não é possível recorrer à entonação ou à mímica para desvendá-la. Torna-se, dessa forma, obrigatória a diversificação dos meios utilizados (índices), como a explicitação de uma entonação (“diz ele ironicamente”), aspas, ponto de exclamação, reticências. Na ausência destes, resta apenas confiar no contexto para nele recuperar elementos contraditórios.

Exemplo 6: “Cuspir é um comportamento feio. Eu acho que esse é o tipo de coisa que só quem acabou de descer das árvores faz”. Fala de Javier Clemente, técnico do Athletic Bilbao, referindo-se ao atacante africano Samuel Eto'o, do Barcelona, que cuspiu no rosto de um jogador catalão.

(Veja, 25 de janeiro, 2006, p.44).

O enunciador ironiza, comparando tal comportamento ao de um macaco.

1.3.6 Negação

O contexto da negação evidencia duas proposições em questão. A primeira é a que menciona o que se quer transmitir e a segunda é a negação do que foi dito, fazendo-se uma distinção entre o locutor/enunciador.

Exemplo: “Não sou supersticioso. O que tenho é transtorno obsessivo-compulsivo. E não pense que você é melhor, não”.

O “rei” Roberto Carlos

(**Veja**, 9 de junho,2004, p.37)

Esta negação é uma resposta a uma outra voz que afirma que Roberto Carlos é supersticioso.

1.3.7 Pressuposição

O pressuposto apresenta-se como uma hipótese criada a respeito de um enunciado já mencionado, sem comprometer ou delegar a responsabilidade ao locutor. Esse recurso pode vir auxiliado por uma negação ou afirmação ligada à organização temática do enunciado.

Exemplo 8: “Posso ser imoral e indecente, mas não sou ilegal”. (Oscar Maroni, empresário, dono de um prostíbulo de luxo em São Paulo e que agora investe no mundo das lutas).

(**Época**,17 de outubro,2005, p.46)

No exemplo anterior, o enunciador defende-se do que parece ser duas pressuposições: 1) de que ele foi chamado de imoral e indecente ou 2) além de ter sido chamado de imoral e indecente, seus negócios seriam de legalidade duvidosa.

Os aspectos supracitados são todos constituintes da polifonia e, como tais, são importantes para um estudo aprofundado acerca da questão. Verificamos, assim, que a modalização em discurso segundo, por exemplo, é um aspecto que isenta o enunciador da responsabilidade pelo enunciado e que este se apresenta com o modalizador “segundo”, que também significa “de acordo com”, “conforme”, “consoante”. No entanto, não consideramos pertinente destacar esse tipo de abordagem, pois nem sempre ela está disponível no âmbito discursivo de piadas.

Outras modalidades polifônicas como o discurso direto e o discurso indireto podem se destacar no tipo de texto de humor referente às piadas, mas a predominância do discurso direto é bem superior, uma vez que a piada envolve um discurso linguisticamente menos sistematizado e simplificado para caracterizar-se como gênero popular, acessível ao público em geral. Não vamos nos deter em análises referentes a esses aspectos, mas assinalar duas exemplificações que contemplem essas modalidades de polifonia.

Exemplo 9: Discurso direto

Uma loira estava chorando muito, então uma morena passou por perto, ficou com pena e perguntou:

- O que foi?

A loira respondeu:

- meu cachorrinho sumiu.

A morena falou:

- Por que você não coloca um anúncio no jornal?

A loira olhou para a morena e disse:

- Não ponho porque não vai adiantar; ele não sabe ler.

Exemplo 10: Discurso indireto

Uma loira entrou numa loja de autopeças e queria comprar uma tampa 037Q. O vendedor ficou surpreso ao vê-la perguntar por uma tampa 037Q, que ele desconhecia. Chamou um mecânico profissional que estava por lá para ver se ele sabia o que era a tampa 037Q. Mas nada, ele também não conhecia.

A mulher insistiu e disse que era uma parte do motor de seu carro e que havia desaparecido de uma maneira misteriosa. Exigiu uma nova tampa 037Q. Tendo em vista que ninguém conhecia e nem sabia nada sobre a tampa 037Q, o vendedor perguntou a ela se podia desenhar essa tampa 037Q.

A mulher, que desenhava muito bem, disse que poderia facilmente desenhar a peça, pois se lembrava muito bem dela. Tomou um pedaço de papel e uma caneta, desenhou um círculo de uns 8 cm de diâmetro e escreveu no centro 037Q...



No que se refere ao uso das aspas como modalidade de polifonia já vimos acima que o emprego das mesmas exime qualquer responsabilidade de autoria ao enunciador. Não detectamos em uma análise prévia, o seu uso em profusão, mas não ficamos indiferentes à sua importância, pois o uso de aspas sempre remete a um outro discurso, enriquecendo sobremaneira o estudo dos aspectos linguísticos de um texto. Buscamos a exemplificação na seguinte piada:

Exemplo 11: Aspas

Uma loira estava passeando em uma praia, quando avistou uma lixeira. Nela havia um adesivo escrito: “Colabore com a limpeza da praia”. Então ela não pensou duas vezes: tirou uma nota de dez reais e jogou dentro da lixeira.

Verificamos que a piada do exemplo 3 nos remete a outros discursos como aqueles de campanha que solicita doações, geralmente em dinheiro para um determinado fim. Como vimos, não era esse o caso do aviso, que foi prontamente mal interpretado pela loira, cuja atitude gerou o efeito do riso (Bergson, 2007) na piada.

Nosso propósito, nesta pesquisa, é fazer um estudo das estratégias linguístico-discursivas, entre essas a polifonia e sua relação com a representação em piadas de mulher loira. No entanto, não pretendemos encontrar a polifonia em todos os seus níveis, pois nossa modalidade de pesquisa, que são as piadas, não

contemplaria a abrangência desse estudo. À medida que formos avançando na análise, vamos observando cada piada e detectando as marcas de polifonia evidentes. Estaremos atentos à enunciação advinda das piadas, provenientes de interlocutores presentes ou representados, de forma que possamos vislumbrar a cena enunciativa, como ela se apresenta em seus três aspectos, sobretudo a cenografia, cuja presença faz-se notar com mais evidencia.

1.4 Cena enunciativa

Outra categoria de análise que nos interessa é a cena enunciativa. Consideramos que o estudo minucioso da cena enunciativa nos fornecerá os princípios sobre os quais o discurso foi construído, o seu status pragmático, os papéis desempenhados pelo enunciador e coenunciador (es), o lugar enunciativo e cenografia. A cena enunciativa construída nas piadas de mulher loira completará nossa análise, permitindo-nos observar como as representações dessa mulher assumem um lugar enunciativo, ou melhor, como são legitimadas no discurso através de uma cenografia que lhes dá credibilidade e confere autenticidade ao discurso. Enquanto a polifonia nos permite estudar as vozes manifestas nas piadas, através de coenunciadores “reais” ou “representados”, a cena enunciativa nos mostrará o alicerce sobre o qual construiu-se todo um cenário para que se atribuísse legitimidade ao discurso veiculado nas piadas de mulher loira, as quais nos propusemos a analisar.

Segundo Maingueneau (2008, p.85): “ Um texto não é um conjunto de signos aleatórios e inertes, mas, sim, o rastro de um discurso em que a fala é

encenada”. Quanto à cena de enunciação, afirma o autor :

A enunciação acontece em um espaço instituído, definido pelo gênero de discurso, mas também sobre a dimensão construtiva do discurso, que se “coloca em cena”, instaura seu próprio espaço de enunciação.

Discorreremos agora sobre a cena enunciativa, que se constitui de cena englobante, cena genérica e cenografia.

1.4.1 Cena englobante

É aquela que atribui um estatuto pragmático ao tipo de discurso a que pertence um texto. Ao recebermos um folheto na rua, devemos ser capazes de determinar a que tipo de discurso ele pertence: religioso, político, publicitário, etc., ou seja, em que cena englobante ele se situa e em nome de que ele interpela quem o recebe, em função de qual finalidade ele foi organizado. Se considerarmos um panfleto de cunho político, por exemplo, evidencia que há um “cidadão” dirigindo-se a “cidadãos”. É essa cena que define a situação dos parceiros e um certo quadro espaço-temporal.

Em numerosas sociedades do passado não existia cena englobante específica, tal como uma cena englobante política, uma cena administrativa, publicitária, religiosa, literária, etc., em qualquer época e em qualquer sociedade.

De acordo com Maingueneau (2001), dizer que a cena de enunciação de um enunciado político é a cena englobante política, ou que a cena de um enunciado filosófico é a cena englobante filosófica é por demais insuficiente, uma vez que um

coenunciador não tem contato direto com o político ou o filósofo, mas sim com gêneros de discurso particulares.

É a partir daí, que se tem a cena genérica.

1.4.2 Cena genérica

De acordo com Maingueneau (2001), a cada gênero de discurso, em particular, implica uma cena específica: papéis para seus parceiros, circunstâncias, um suporte material, um modo de circulação, uma finalidade etc.

Cada gênero de discurso, dessa forma, define seus próprios papéis: num panfleto de campanha eleitoral, trata-se de um “candidato” dirigindo-se a “eleitores”; numa aula, trata-se de um professor dirigindo-se a alunos, etc.

A cena englobante e a cena genérica definem conjuntamente o que poderia ser chamado de quadro cênico do texto. É ele que define o espaço do tipo e do gênero do discurso.

1.4.3 Cenografia

Maingueneau (2001), diz que um discurso impõe sua cenografia de imediato. Isto significa que o leitor se vê apanhado por um determinado texto através de sua cenografia em primeiro lugar e não de sua cena englobante e cena genérica.

Exemplificando, poderíamos considerar uma novela e as diversas maneiras de contá-la; um viajante que narra numa carta a um amigo as desventuras pelas quais passou; um jantar no qual alguém delega a um conviva uma narrativa para os outros ouvintes; ao redor de uma fogueira, alguém comanda uma fala e começa a

narrar fatos sobre algum caso de que tem conhecimento etc. Em todos esses casos, a cena na qual o leitor é atribuído a si um lugar é uma cena narrativa construída pelo texto, uma “cenografia”.

De acordo com o autor, há cenografias diversas e também, diversas formas de apresentação dessas cenografias. A cenografia tem por função legitimar o discurso, interpelando o coenunciador logo de imediato, jogando o quadro cênico, que são as outras duas cenas, para um segundo plano. Dessa forma, a cenografia implica um processo no qual a fala, logo de início, supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação. Desse modo, a cenografia legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la.

Mainueneau (2001, p.88) relaciona cenografia e gênero do discurso, ao afirmar que “há tipos de discurso cujos gêneros implicam cenas enunciativas de algum modo estabilizadas”. Mainueneau quer dizer com isso que nem todos os gêneros são suscetíveis de variação de cenografias. O autor refere-se, como exemplo, à correspondência administrativa, aos relatórios de peritos, ou ao boletim médico, que se desenvolvem em cenas bastante fixas, obedecendo às rotinas da cena genérica. Por outro lado, o discurso publicitário apresenta-se como um tipo de discurso que não deixa prever antecipadamente qual cenografia será mobilizada.

Tendo em vista que os gêneros de discurso não são todos igualmente propícios ao desenvolvimento de cenografias variadas, o autor os distribui em dois pólos extremos:

- os gêneros não suscetíveis de adotar cenografias variadas (a lista telefônica, as receitas médicas, etc.);
- De outro, os gêneros que, por natureza, exigem a escolha de uma cenografia (gêneros publicitários, literários, filosóficos, etc.).

Segundo Maingueneau, a cenografia é constituída por uma topografia (um lugar enunciativo) e uma cronografia (um tempo), além de um enunciador e um coenunciador, representando um “eu” e um “tu” construídos na enunciação.

Outra forma de apresentação da cenografia, ainda segundo o autor, está no que chama de cenografias principais e secundárias. A primeira seria a própria cenografia do enunciado, enquanto a segunda seriam fatos do passado, narrativas imaginárias, sonhos ou versões de fatos, etc.

O autor menciona também um aspecto da cenografia que consiste em se apoiar em cenas já instaladas na memória coletiva, ou seja, cenas que são familiares a um determinado público e que podem ser tanto valorizadas quanto rejeitadas. Tais cenas chamam-se cenas validadas.

A seguir, tomamos uma piada de loira como exemplificação da cena enunciativa que emerge do texto:

A loira foi a uma consulta com um médico endocrinologista, aquele de fazer regime. Ela queria perder uns quilinhos. Após um exame minucioso, o doutor receitou a seguinte dieta:

— Você pode comer normalmente por dois dias, aí pula um dia, come normalmente mais dois dias, pula outro dia e assim por diante, durante o mês inteiro. Se seguir esse regime à risca, vai perder pelo menos uns cinco quilos.

No início do mês seguinte, ela retornou ao médico 15 quilos mais magra.

— Incrível! Vejo que você seguiu minhas recomendações à risca! Parabéns!

— Obrigada, doutor! Mas fique sabendo que eu quase morri!

— De fome!

— Não! De tanto pular!

Exemplos:

- *A cena englobante é de um discurso humorístico;*
- A cena genérica apresenta-se através de uma consulta médica, na qual o médico dirige-se à sua paciente no consultório;
- A cenografia apresenta-se como principal e secundária. Na piada em questão, temos primeiramente a cenografia secundária, pois envolve um

“ontem”, verificado no enunciado “A loira foi a uma consulta com um médico...”

Na cenografia principal, a loira está no consultório novamente, apresentando os resultados do tratamento: “No início do mês seguinte, ela retornou ao médico...”.

Não esquecendo tratar-se de uma piada de loira, a mesma se reveste de uma cenografia bem comum e muito familiar às mulheres: fazer consultas médicas para tratamento de regime. O interlocutor vê-se, então, preso à cenografia apresentada, numa situação cotidiana e que chama a atenção, principalmente das mulheres, que vez por outra, pensam em fazer ou decidem fazer um tratamento para emagrecer.

Essa cenografia procura adequar-se ao perfil de uma mulher moderna, aquela que se preocupa com o seu corpo e é justamente aí que a cenografia legitima um enunciado, que por sua vez, também a legitima. Dessa forma, ouvimos ou, melhor, participamos como interlocutores de uma situação que nos apanha por sua cenografia (uma cena do cotidiano, um tratamento médico, na maioria das vezes do interesse feminino, como no caso em questão) e, no final, temos uma piada que desqualifica a loira (a paciente). Vamos, portanto, nos envolvendo a tal ponto que achamos a cenografia apresentada perfeita para contar uma piada de mulher loira!

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta seção, descrevemos as etapas seguidas para coletar o *corpus* e analisar os dados. Esta parte divide-se em 4 seções, assim organizadas: na seção 2.1 apresentamos a natureza da pesquisa; em 2.2 as categorias discursivas de análise que nortearão a pesquisa; em 2.3 os critérios de seleção e delimitação do *corpus* da pesquisa e, na seção 2.4 os procedimentos adotados para viabilizar a análise do *corpus*.

Procederemos, então, à descrição dessas etapas.

2.1 Natureza da pesquisa

A presente pesquisa é um estudo de base analítico-interpretativo, apoiado em fundamentos da análise do discurso, um campo de problematizações relacionadas com a produção dos discursos na sociedade, em que se consideram os elementos discursivos presentes em textos de natureza diversa. Interessou-nos, portanto, examinar como, no interior de uma dada prática discursiva, temos a configuração em piadas de uma representação da mulher loira e bonita, por meio da análise da polifonia e cena enunciativa.

2.2 Metodologia de análise

Nesta pesquisa examinamos como se constroem as representações de mulher loira (e bonita) em piadas populares acerca desse tipo de mulher. Para desenvolvê-la, empregou-se como referencial teórico a abordagem de Moscovici

(2000) acerca das representações sociais concernentes ao gênero feminino. Adotamos, igualmente, a proposta teórica de Maingueneau (2001), sua contribuição acerca da polifonia, analisada no *corpus* do trabalho e, além disso, recorreremos a noção de cena enunciativa apresentada e como essas categorias corroboram para a manutenção de estereótipos em torno da mulher loira, tornando-a alvo de piadas.

2.3 Seleção e delimitação do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa foi selecionado a partir dos seguintes critérios:

1. Os textos deveriam privilegiar o discurso humorístico;
2. Optou-se pela forma das piadas;
3. Elegeu-se o texto humorístico de piadas sobre a mulher loira (e bonita), por ser de relativo alcance e abrangência junto ao público, caracterizando-se como gênero popular;
4. Todas as piadas foram coletadas da internet, através do sítio eletrônico www.piadasonline.com.br. A partir desta etapa, o *corpus* foi composto por 67 piadas de mulher loira, as quais foram separadas por lugares comuns, a fim de poder arquivá-las e facilitar sua identificação. De tal procedimento, resultaram os seguintes subcorpora, assim nomeados e quantificados:

- Loiras no bar (6)
- Loiras em cemitério (3)
- Loiras no natal (3)
- A loira e as outras (16)
- Loiras no universo do trabalho (8)
- A loira e suas amigas (13)
- A loira no avião (3)
- A loira no mercado de consumo (5)
- A loira no trânsito (10)

Inicialmente selecionamos 10 piadas de mulher loira para fazer um estudo prévio, com o fim de localizar (lugares comuns, cenas e temas que se repetiam) nessas piadas e que pudessem sinalizar para a constatação das representações dessa mulher loira em piadas, da polifonia e da cena enunciativa, categorias de análise que serão levadas a termo na pesquisa. O que se procurou considerar no *corpus* selecionado é que não poderiam ser do tipo “adivinhação”, por não deixarem evidentes elementos que são importantes à análise, como o papel dos participantes e um lugar enunciativo, o que as tornariam inviáveis aos propósitos da pesquisa.

2.4 Procedimentos de análise

Concluída a seleção e delimitação do *corpus*, procedemos à análise das piadas que compõem o corpus com o fim de evidenciar as categorias analíticas destacadas, apoiados nas considerações dos teóricos que norteiam esta pesquisa, a saber, Maingueneau (2001) e Moscovici (2000). Para tal, utilizamos como instrumento de pesquisa postulados feitos pela Análise do Discurso, por proporcionar um maior aprofundamento no que tange à problematizações relacionadas à construção dos sentidos.

Os procedimentos foram dispostos da seguinte maneira:

Cada piada é examinada, tendo em vista como são construídas as representações em torno da mulher loira, ou seja, os sentidos que lhe são atribuídos. Considerando-se que a piada veicula determinados estereótipos, busca-se analisá-los.

- a) Uma vez identificado o contexto, ou as representações construídas, buscaram-se elementos textuais que indicaram marcas de polifonia (Maingueneau, 2001), que evidenciaram as várias vozes manifestas no discurso.
- b) Buscou-se, da mesma forma, a cena enunciativa da piada de mulher loira, ou seja, definindo o lugar enunciativo, a cenografia, a cena englobante.
- c) Buscou-se estabelecer comparações entre uma determinada piada e outra, para verificar reiteraões dos lugares enunciativos e das representações.

d) Observou-se e analisou-se como as categorias discursivas em destaque concorriam para a manutenção de um estereótipo no qual a mulher loira era sempre burra e sexualmente disponível, evidenciando que tais piadas sustentariam, implicitamente, um discurso machista.

3. ANÁLISE DE CORPUS

3.1 Texto humorístico: a piada

Nesta seção, observamos o texto humorístico das piadas justamente naquilo que o torna risível; aquilo que faz uma piada ser o que é. Buscamos, portanto, evidenciar que traços singulares caracterizam o gênero piada e como eles se repetem nas diversas piadas, independente das diferentes abordagens temáticas às quais elas desenvolvem. Na mesma proporção, procuraremos desvendar quais temas controversos, polêmicos e não explicitamente revelados podem ser desvelados nas piadas abaixo em destaque.

Conforme dissemos antes, as piadas servem de veículo para um discurso proibido, um discurso que lida com questões delicadas, e que, normalmente, não seriam tratadas da mesma maneira, isto é, da forma “transparente” com que o são nas piadas, visto que suscitariam reações diversas em torno das questões abordadas, pois atingiriam opiniões formadas e posicionamentos individuais ou pessoais. Nisso, a função da piada é conquistar ou agregar coenunciadores através do riso, uma vez que aquele que conta uma piada não é o autor da mesma. Por isso mesmo, todos riem sem qualquer sentimento de culpa por estar ridicularizando alguém, afinal, o humor e o riso contidos na piada, encobrem tudo. Reproduziremos a piada 1 e depois passaremos a analisá-la:

Piada 1:

Um ceguinho bêbado, sem saber, entra em um bar só de mulheres. Senta-se no balcão e pede uma bebida para o barman.
Toma logo a bebida e, depois de um tempo, mais bêbado ainda, o ceguinho grita
— Quem quer ouvir uma piada de loiras burras?!

Uma das mulheres sentadas ao lado dele diz:

— Devo te avisar cinco coisas antes que você conte essa sua piada:

1. Eu sou uma loira de 1,75 e 90 kg e pratico halterofilismo;
2. O garçom é uma mulher loira;
3. O dono do bar é uma mulher loira;
4. Aí, do seu outro lado, tem uma loira professora de artes marciais;
5. E a mulher aqui do meu lado é uma loira policial.

— Você ainda está querendo contar a sua piada de loira?!

O ceguinho bêbado pensa um pouquinho e responde:

— Assim eu desisto! Se eu tiver que explicar a piada cinco vezes vai ser um saco!

Na piada 1, destacamos o seguinte enunciado:

Um ceguinho bêbado, sem saber, entra em um bar só de mulheres. Senta-se no balcão e pede uma bebida para o *barman*. Observemos que inicialmente, entra em cena o locutor ou enunciador dirigindo ao ouvinte/coenunciador as premissas básicas para situar a piada: o local e os protagonistas ou coenunciadores.

Embora o bar seja, de acordo com o imaginário popular, um lugar apropriado para se contar uma piada, o fato do enunciador ser cego e estar bêbado já lida com duas características distintas e que concorrem para a polêmica em torno do

discurso. A primeira trata-se de uma deficiência visual, termo que é bastante usado para designar a cegueira. Dizer que alguém é “cego” não necessariamente desqualifica quem seja portador dessa deficiência. No entanto, referir-se a alguém como “ceguinho” já traz uma certa carga conotativa que tende mais a ressaltar certa negatividade em torno da deficiência ou até certa inferioridade, algo que talvez, implicitamente, suscite compaixão, pena, consternação.

Quem, ao cruzar uma rua ou uma esquina, nunca se deparou com alguém a proferir como um bordão incessante o seguinte enunciado: “Dê uma esmola pro ceguinho, pelo amor de Deus!”.

Contudo, vale observar que isso não implica que o emprego do termo “ceguinho” cause esse efeito, mas indica a popularização do mesmo, ou seja, a familiaridade, o reconhecimento imediato que poderá promover a adesão de um coenunciador. O uso do termo justifica-se no que Moscovici (2000), acerca dos processos das representações, chama de ancoragem.

Observemos a segunda denominação referente ao enunciador, que além de cego, está bêbado. Ora, estar bêbado traduz um comportamento não aceito socialmente, já que o termo remete a estar “fora de si”, “inconsciente”, “embriagado”, “dominado” pelo álcool entre outras denominações existentes. Aquele que está bêbado, na maioria das vezes, não sabe o que diz e por isso mesmo, rompe as barreiras do “proibido” tomando coragem para falar e ter atitudes que contrariam a ética da boa conduta de conversas e comportamentos, como chamar palavrões, proferir xingamentos, usar linguagem chula, não ter vergonha de despir-se em público, entre outros. No caso da piada em questão, ao principal enunciador atribuem-se as duas características mencionadas, ser cego e bêbado como atributos inusitados e que, vão concorrer para gerar a comicidade necessária para compor o discurso

humorístico. O mesmo efeito não resultaria caso fosse “um homem usando terno e bêbado...” ou ainda “um senhor bem vestido e bêbado...”, pois esses elementos, por si só, não são rotulados de “proibido” e não são estereótipos como “o ceguinho” ou “o bêbado”, que juntos formam uma combinação inusitada e despertam a atenção do interlocutor.

A piada transcorre com a tentativa do ceguinho bêbado de contar uma piada de “loiras burras” como ele mesmo anuncia, o que é praticamente rechaçado pela advertência que recebe de uma loira ao seu lado, que o faz tomar ciência de que aquele lugar é freqüentado por loiras. Para intimidá-lo, ela menciona, além de si mesma, quatro outras loiras e suas respectivas funções.

1. Eu sou uma loira de 1,75 e 90 kg e pratico halterofilismo;
2. O garçom é uma mulher loira;
3. O dono do bar é uma mulher loira;
4. Aí, do seu outro lado, tem uma loira professora de artes marciais;
5. E a mulher aqui do meu lado é uma loira policial.

A piada tem seu desfecho no último enunciado, que é justamente o que aciona o gatilho gerador do riso.

“— Assim eu desisto! Se eu tiver que explicar a piada cinco vezes vai ser um saco!”

Não podemos deixar de mencionar como o discurso machista toma forma, subestimando a inteligência feminina, sobretudo estigmatizando a mulher loira como burra.

Passemos para o exame da piada 2.

Havia um espelho mágico cuja característica especial era fazer desaparecer qualquer pessoa que dissesse uma mentira na sua frente. Certo dia, três mulheres vieram se consultar com ele: uma morena, uma ruiva e uma loira. A morena olha o espelho e diz:

— Eu penso que sou a mais linda mulher do mundo.

Puff! E a morena sumiu.

A ruiva, por sua vez, pára na frente do espelho e diz:

— Eu penso que sou a mulher mais inteligente... puff! A

ruiva desapareceu.

A loira vai então para frente do espelho e sem pestanejar diz:

— Eu penso... puff! A loira some imediatamente.

A piada se inicia como uma narrativa, mas, como vimos na piada anterior, seu propósito é tão somente de situar ou introduzir um elemento familiar e facilitador para a compreensão da piada. Nesta, o elemento familiar é o espelho mágico, significante presente no imaginário popular, já que todos conhecem alguma fábula ou conto que mencione um espelho mágico. A própria enunciação já remete a uma história ou conto, daquelas que tantas vezes já ouvimos por aí:

“Havia um espelho mágico cuja característica especial era...”

A mesma conjuntura textual persiste em “Certo dia, três mulheres vieram se consultar com ele...”

O que queremos destacar com isso é que a linguagem predominante nos contos de fada e histórias infantis é perfeitamente assimilável como ferramenta para o desenvolver do discurso humorístico que vai se configurando.

Também fica evidente na piada em foco os três tipos básicos de mulher: a loira, a ruiva e a morena. As mulheres estão assim reduzidas a essa tipologia básica, o que gera um estereótipo também, mas funciona muito bem para a constituição de uma piada, tornando-a mais assimilável.

Na piada, diante do espelho, cada mulher em questão diz uma frase atribuindo a si uma qualidade que acha possuir. Observamos que duas atribuições são pertinentes: beleza e inteligência. O discurso que sustenta essa piada, logicamente um discurso machista, utiliza-se desses dois poderosos atributos que toda mulher deseja possuir, pois a mulher que é bonita e inteligente acredita angariar conquistas em diversos campos, como profissional, amoroso, familiar. É justamente nesse ponto que o discurso machista visa atingir a mulher, buscando desqualificá-la.

No desenvolver da piada, a morena e a ruiva vão desaparecendo diante do espelho, mas a loira é a última e a que vai acionar também o gatilho do riso, pois fica evidente que ela não pensa e, por isso mesmo, desaparece quando mal consegue iniciar sua fala:

“A loira vai então para diante do espelho e, sem pestanejar, diz:

- Eu penso... puff! A loira some imediatamente.

A terceira piada selecionada também apresenta certa semelhança com a anterior:

Após um naufrágio, três loiras foram parar numa ilha. Desesperadas, começaram a caminhar pela praia quando, sem querer, uma delas chutou um pequeno objeto. Assustaram-se, mas se agacharam para ver do que se tratava.

Era uma pequena lâmpada antiga, que passaram a esfregar para tirar a areia. Eis então que surgiu um gênio:

— Vocês me libertaram e, por isso, vou conceder um pedido a cada uma, disse o gênio.

— Quero ser ruiva — disse a primeira loira.

O gênio atendeu. Ela então, ao deixar de ser loira, ganhou a capacidade de pensar. Olhou em volta e viu que havia material para fazer uma canoa. Construiu a embarcação e foi embora da ilha, com muito esforço, remando contra a maré.

— Quero ser morena, pediu a segunda.

O gênio então a transformou e, com sua nova condição, atirou-se ao mar para ver se, dessa vez, conseguia aprender a nadar. Conseguiu e, com muito sacrifício, pode deixar a ilha, dando suas braçadas contra a maré.

A terceira então pediu:

— Quero que me transforme num homem

O gênio assim o fez. Ele então saiu andando pela ponte que ligava a ilha ao continente.

Há, na piada 3, uma enunciação primeiramente para situar a piada em termos de coenunciadores e lugares. Novamente, há a referência aos contos ou histórias das mil e uma noites, pois os elementos constituintes são três loiras, uma ilha deserta e um gênio que estava preso numa lâmpada antiga. O uso de tal referência para contar essa piada de loira atende ao imaginário coletivo, pois todos já ouviram em algum momento as histórias de Aladim e sua lâmpada maravilhosa, da qual surge um gênio para realizar seus principais desejos. Cada uma terá que fazer um pedido, como gratidão do gênio pela sua libertação. Novamente, entram em cena os estereótipos dos tipos e mulher, já mencionados anteriormente, a loira, a morena e a ruiva. Cada uma à sua maneira, fez um pedido que lhe favoreça sair daquela ilha deserta e de certa forma cada uma consegue realizar seu desejo.

No entanto, a última loira realiza o pedido mais inusitado:

“— Quero que me transforme num homem”.

Após ter seu pedido atendido, ela sai caminhando pela ponte que ligava a ilha ao continente!

Esse é o tipo de piada que possui um humor bastante sutil, ao sugerir que a loira, após se transformar num homem, deixou de ser burra e adquiriu a capacidade de pensar. O discurso machista faz-se presente ao propor mais uma vez que a loira é burra.

A próxima piada de mulher loira que destacamos enfoca o mercado de consumo, um universo onde predomina mais a figura feminina. Esse já é um aspecto que confere certa credibilidade à piada, pois promove a identificação e adesão de um

coenunciador, através de um enfoque corriqueiro bem cotidiano. Vamos, então, à piada e depois comentamos a respeito:

Uma loira foi à loja de eletrodomésticos e falou:

— Quanto custa aquele microondas?

E o gerente disse: não vendemos microondas para loiras.

Então ela pintou o cabelo de ruivo e voltou àquela loja:

— Qual é o preço do microondas?

— Não vendemos microondas para loiras, responde o gerente.

Ela tenta uma nova tática. Pinta o cabelo de negro e vai novamente à loja:

— Eu gostaria de comprar aquele microondas. Qual é o preço?

— Não vendemos microondas para loiras, é a resposta do gerente.

— Como você sabe que sou loira?

— É que isto não é um microondas, é um aparelho de televisão

O início da piada estabelece o lugar, uma loja de eletrodomésticos, um significante prontamente assimilado pelo público em geral, sobretudo o feminino, que é frequentemente associado a cozinha e utensílios relacionados a afazeres domésticos.

A loira pergunta ao gerente:

“— Quanto custa aquele microondas?”

O que podemos evidenciar com a pergunta que a loira faz é verificar o quanto significa para uma mulher ter a tecnologia a seu favor, no lar, como microondas, por exemplo, que venha a facilitar muito sua vida na cozinha. Essa pergunta pode conter um grande sentimento de se libertar do trabalho que é cuidar dos afazeres domésticos.

O enunciado que destacamos agora parece-nos ver o outro lado da questão, proferido pelo gerente, um homem, que diz:

“ Não vendemos microondas para loiras”.

Presenciamos a manifestação do discurso machista no enunciado acima, pois proferi-lo da maneira como está, além de suscitar preconceito contra a mulher loira em particular, evidencia a manutenção de uma condição da mulher em geral como inepta para lidar com a tecnologia ou mesmo para a manutenção de outros discursos como “mulher só serve para pilotar fogão”, ou “lugar de mulher é na cozinha”. Outro ponto igualmente interessante aparece na resolução que a loira toma, para tentar comprar o microondas:

“Então ela pintou o cabelo de ruivo e voltou àquela loja”.

Novamente no discurso humorístico se menciona um dos atos relacionados à vaidade e ao cuidado femininos: pintar o cabelo. Não que isso seja engraçado, mas que cumpre a função de angariar adesão, através da popularização dos costumes, afinal, pintar o cabelo é uma atitude muito comum no universo feminino. Notamos também os três tipos básicos de mulher, através da pintura do cabelo, pois ela era loira, depois ficou ruiva e depois, morena. A piada, no geral, utiliza-se de uma linguagem bastante simplificada, entremeando discurso direto para as falas e o discurso indireto para situar os acontecimentos.

Após todas as tentativas, e sempre ouvindo um “não”, a loira indaga o gerente como ele sabia que ela era loira. O enunciado final, novamente, dispara o gatilho do riso:

“—E que isto não é um microondas, é um aparelho de televisão”.

Ao promover o riso, na explicação dada pelo gerente, a piada mais uma vez desvaloriza a inteligência da mulher loira, sugerindo que ela não é capaz de reconhecer um microondas. Numa outra ótica, podemos sugerir que a piada expõe que a mulher seja também alienada, só viva presa à televisão e, portanto só vê aquilo que diz respeito ao “seu mundo” e, que, portanto, a tecnologia ainda não está ao seu alcance.

A piada seguinte também conta com a presença do homem frente a uma problemática criada pela mulher... loira!

Observemos a piada primeiramente; depois teceremos comentários.

Em um avião indo para Nova York, a comissária se dirige a uma loira sentada na divisão reservada para a primeira classe e pede para que ela se mude para a classe econômica, pois ela não tinha a passagem para a primeira classe. A loira replicou dizendo:

— Eu sou loira, eu sou bonita, estou indo para Nova York e eu não vou sair.

Não querendo argumentar com a passageira, a comissária pede para o co-piloto para falar com ela. Ele foi falar com a mulher pedindo que ela fizesse a gentileza de sair da primeira classe. Novamente, a loira respondeu:

—Eu sou loira, eu sou bonita, estou indo para Nova York e eu não vou sair.

O co-piloto voltou para a cabine de comando e perguntou para o piloto o que ele deveria fazer.

O piloto disse:

—Eu sou casado com uma loira e sei como lidar com isso.

Ele foi para a primeira classe e sussurrou no ouvido da loira... Ela imediatamente pulou da cadeira e correu para o setor econômico resmungando para si:

— Por que ninguém me disse antes?

Surpreso, a comissária e o co-piloto perguntaram o que ele havia dito para a loira que a convenceu a sair. Ele disse:

— Eu disse a ela que a primeira classe não estava indo para Nova York!

A piada inicia-se, como tem sido até agora, como uma narrativa situacional, na qual apresenta-se o enunciador ou coenunciadores e local. No caso em questão, a loira insiste em ficar sentada na primeira classe, embora não possua a devida passagem e recusa-se a mudar para classe econômica quando interpelada pela comissária. Destacamos abaixo o enunciado prontamente emitido pela loira.

“—Eu sou loira, eu sou bonita, estou indo para Nova York e eu não vou sair”.

Esse enunciado vai se repetir pelo menos mais duas vezes, ocasiões em que a loira é interpelada para que se retirasse daquela classe e fosse para a classe econômica, mas ela terminantemente se recusa a fazer isso.

Interessante notar que, à semelhança da piada 4, a loira insiste no seu intento, com determinação, mas que na piada, pode ser considerada insistência ou um sinal de teimosia.

Observamos, pelo enunciado da loira, que ela acha que seus atributos permitem que ela realize seus desejos, mesmo que contrarie normas existentes. Não é demais mencionar que a loira, no imaginário coletivo, sempre simbolizou exuberância e despertou certa inveja nas outras mulheres.

A ridicularização da figura da loira está justamente num embate entre o homem e a mulher, na qual a mulher estará sempre em desvantagem em relação ao homem.

Assim, o piloto surge com sua inteligência e experiência e , como um verdadeiro “salvador da pátria”, põe fim à insistência da loira, fazendo a mesma conduzir-se para a classe econômica em questão de segundos.

Indagado pelos colegas como conseguiu tal façanha, o piloto declara:

“—Eu disse a ela que a primeira classe não estava indo para Nova York!”.

Com extrema sutileza, mais uma vez, fica configurado o discurso machista de que a loira é burra e que pode ser manipulada sem grandes esforços.

Notamos que a configuração da piada até o momento tem seguido um padrão semelhante: texto sucinto com enunciados breves, pouco uso do discurso indireto, linguagem simples e objetiva. Também notamos que o riso ocorre sempre após o enunciado final, em tom explicativo.

Em nossa análise, estudamos o discurso humorístico existente nas piadas e de que forma ele se configura, assim diversificamos o tipo de piada de acordo com o universo em que a loira está inserida.

Na próxima, teremos a loira no universo do trabalho. Eis o texto:

Muito gostosona, a loira foi contratada como secretária, mais por seus dotes físicos do que pela experiência.

No primeiro dia o chefe lhe dá uma ordem e ela tenta fazer o que ele pediu. Liga para o almoxarifado da empresa e pergunta:

— Você tem envelope redondo?

— Envelope redondo?

— Sim! O chefe pediu para eu enviar uma circular!

Neste exemplo, referente ao universo do trabalho, predomina a imagem da loira bonita, “gostosona” e que certamente será contratada por seus atributos físicos, como já está incutido no imaginário popular. Essa piada se apóia num discurso que valoriza o corpo em detrimento à inteligência, pois fica evidente que a mulher no universo do trabalho consegue qualquer coisa se for bonita, e, preferencialmente, loira, um item que já se tornou objeto de desejo. No entanto, a piada não faz menções positivas à loira, pois no final ficou evidente a completa burrice dela para exercer uma simples tarefa do escritório.

Há também todo aquele discurso patronal, que deixa claro a relação chefe x empregado, como evidenciamos no fragmento abaixo:

“ No primeiro dia o chefe lhe dá uma ordem e ela tenta fazer o que ele pediu” .

Essa piada lida com as duas principais características mencionadas no que se refere à loira: ser burra e sexy, itens imprescindíveis para a manutenção do discurso machista.

A piada 7 inicia-se com o discurso indireto situando a ação para o desenrolar da piada. Há, sobretudo, uma descrição da loira na qual forma-se uma imagem dessa mulher que se reitera como o estereótipo evidenciado na piada

anterior, na qual ela é sempre bonita, sensual, escultural, mas desprovida de inteligência, vejamos então:

O chefe do escritório de contabilidade vai falar com a nova contratada, ela tinha sido indicada por um alto diretor da empresa, como sendo muito “prendada”.

Ao encontrar a moça ele até fica assustado. É uma loira estonteante, siliconada, corpo escultural, olhos verdes, bronzeadas... ou seja, toda prendada! Refeito do susto e começando a dar as instruções, ele fala:

-Suponho que a senhorita saiba o que é fatura e o que é duplicata. Estou certo?

E ela responde:

-Mas é claro que sei. Fatura é o que acontece quando a gente quebra uma perna e duplicata é quando quebra as duas...

Verificamos nessa piada o funcionamento dos mecanismos que movimentam o mercado de trabalho e um deles não é necessariamente o desempenho ou o currículo de um determinado funcionário, mas uma “recomendação” de um alto escalão de uma empresa que simplesmente a indica como sendo muito “prendada”. Percebe-se, pela descrição acerca da funcionária contratada todo um

discurso machista que só vê o lado sensual, que desperta sensações de prazer pela sua beleza estonteante, quase divinal.

Tal prática em empresas também caiu no imaginário popular, pois sabe-se que há uma verdadeira competição para conseguir ou assegurar uma vaga num setor privado, no entanto, os critérios são muitas vezes questionáveis. Sabe-se que a piada tende à estereotipização dos costumes e das pessoas e o que se vê nessa pequena amostra do universo do trabalho é justamente isso.

Outro ponto seria novamente a voz patronal, aquela que deixa evidente quem é que manda no setor. Verifica-se isso nas passagens abaixo.

[...] Refeito do susto e começando a **dar as instruções**, ele fala:

— **Suponho** que a senhorita saiba o que é fatura e o que é duplicata. Estou certo?

Interessante percebemos um certo tom autoritário nesse discurso patronal, que também remete ao discurso militar, pois um sargento poderia estar falando desse modo e dando instruções a um soldado.

A piada se apresenta de forma bastante objetiva: situando o lugar, e os interlocutores, faz toda a menção descritiva da loira contratada para o setor. Há somente duas falas, onde o primeiro interlocutor é o chefe da seção e o segundo é a loira.

Transcrevemos abaixo, o diálogo:

“— **Suponho** que a senhorita saiba o que é fatura e o que é duplicata. Estou certo?”

“— Mas é claro que sei. Fatura é o que acontece quando a gente quebra uma perna e duplicata é quando quebra as duas...”

Novamente, o que poderia ser unicamente uma forma elogiosa de deferência à loira, transforma-se num insulto à sua inteligência, sugerindo a sua incapacidade de discernir elementos corriqueiros no dia a dia de uma empresa. Mais uma vez, reitera-se o estereótipo da loira burra.

Nossa próxima incursão é pelo que denominamos de loira no “universo do esporte”. Na piada selecionada, vamos encontrar o time das loiras e o das morenas:

Dois times de basquete, um de mulheres morenas e outro de loiras, contrataram um ônibus de excursão de dois andares para um torneio em outra cidade. O time das morenas no andar de baixo e o das loiras no andar de cima.

As morenas no andar de baixo viajaram fazendo a maior bagunça, até que uma delas notou que o andar de cima estava muito quieto e uma foi investigar o que está acontecendo.

Quando a morena chegou no andar de cima, ela viu que todas as loiras estavam apavoradas de medo, segurando fortemente os braços de suas poltronas e todas olhando para frente.

A morena perguntou:

— O que está acontecendo aqui? Nós estamos tendo uma grande festa lá embaixo!

Uma das loiras se vira e responde:

— É, mas vocês têm motorista!

O universo esportivo é extremamente popular no Brasil, país que detém títulos e vitórias em diversos segmentos da área. O discurso humorístico mais uma vez se apropria de uma tradição popular para contar uma piada de loira. No caso em questão, vai haver um embate entre as loiras e as morenas, dois tipos que já identificamos anteriormente.

A piada começa situando e descrevendo o lugar e o que está acontecendo durante uma viagem para jogar numa outra cidade. O fato do ônibus ser de dois andares estabelece também a divisão entre elas, com as loiras no andar de cima e as morenas no andar de baixo. Um elemento também de popularização nessa piada é o fato de estarem bagunçando muito, com conversas ou música o que leva a piada a identificação com o universo esportivo, já que é justamente isso que se vê quando times estão viajando em ônibus para disputas de campeonato, muito samba, pagode e barulho.

A piada realmente começa a funcionar nas duas falas finais, atribuídas à morena e à loira, quando a morena sobe ao andar de cima e, vendo que todas as loiras estão quietas, faz uma indagação:

“— O que está acontecendo aqui? Nós estamos tendo uma grande festa lá embaixo!”

Uma das loiras se vira e responde:

“—E, mas vocês tem motorista!”

Essa piada expõe mais uma vez a burrice da loira, enquanto a morena apenas participa, mas não é exposta ao risível. O humor nessa piada, e como temos observado em algumas outras, é bastante sutil. O que chama a atenção nessa piada

também é a generalização feita quanto à figura da loira. Não é uma loira que é burra, mas várias loiras, um time de loiras, todas ao mesmo tempo, configurando a máxima de que toda loira é burra!

A piada 9 se inicia com um parágrafo em discurso indireto sobre uma loira que decide pescar no gelo:

Uma loira decidiu ir pescar no gelo, depois de ler muitos livros e artigos sobre o assunto. Checando sua lista, ela prepara todas as ferramentas necessárias. Ao chegar ao local, nossa jovem amiga encontra uma pequena área que lhe parece promissora. Posiciona suas ferramentas e começa a fazer um corte circular no gelo e, de repente, do alto, vem uma voz tonitruante:

— NÃO HÁ PEIXE EMBAIXO DESSE GELO!! Atônita, a loira moveu-se mais para frente, no gelo, despejou chá da sua garrafa térmica e começou a cortar outro buraco no gelo. De novo, dos céus, a voz baixou:

—NÃO HÁ NENHUM PEIXE DEBAIXO DESSE GELO!!

A loira, agora bastante preocupada, mudou-se para a outra ponta do gelo.

Preparou seu equipamento e tentou ainda mais uma vez cortar o buraco. A voz se repetiu:

— NÃO HÁ NENHUM PEIXE EMBAIXO DESSE GELO!!!
EU JÁ FALEI!!!!

Ela parou, olhou para cima e disse: - O senhor é Deus?
A voz respondeu:

NÃO, SUA ANTA!!!! EU SOU O GERENTE DA PISTA DE PATINAÇÃO!!! !!!

O parágrafo inicial situa a intenção da loira de fazer pescaria no gelo. Para alcançar esse intento, ela recorreu a muitos livros e artigos a respeito. Nesse caso, a piada apresenta um contra-senso em relação à loira, pois essa imagem dela pesquisando e lendo para buscar informações não condiz com comportamentos já evidenciados em outras piadas.

O outro interlocutor na piada manifesta-se através de uma voz que vem do alto. Percebe-se a impositação da voz através de marcas textuais como maiúsculas e exclamações, numa mensagem de forma contundente dirigindo-se à loira:

“ — NÃO HÁ PEIXE EMBAIXO DESSE GELO!!”

A atitude da loira diante desse aviso misterioso é de mudar-se para outro local e continuar tentando. A loira apresenta uma determinação que novamente pode traduzir-se em teimosia, pois ela insiste em continuar procurando peixe. O aviso se repete mais duas vezes. Na terceira tentativa, a loira para e volta-se para o alto, indagando se aquela voz era de Deus. Observa-se uma manifestação religiosa ou, ao menos, de fé e crença na intervenção divina. De certa forma, evidencia-se nessa piada uma alusão à religiosidade, mas apenas como elementos constituintes da piada, de forma sutil; não há nenhuma intenção de fazer apologia ao humor na religiosidade. No entanto, é sugerida uma representação divina (Deus) à voz que se manifesta.

O riso só aparece, na explicação final, quando a loira ouve a resposta ao seu questionamento:

“NÃO, SUA ANTA!!!! EU SOU O GERENTE DA PISTA DE PATINAÇÃO!!! !!!

A última piada refere-se a um encontro da loira com sua amiga, cena bastante comum e corriqueira:

Uma loira encontra uma amiga que não via há muito tempo e vai logo dizendo:

— Menina, como você está diferente! Cortou o cabelo...
Ta moderna...

— É...

— Tá mais magra... bonita...

— É...

— Então, me conta o que você anda fazendo da vida?

— Eu tô fazendo quimioterapia.

— Ah que legal! Na Estácio ou na Federal??

Há somente dois interlocutores; a loira e sua amiga, sem nenhuma outra menção à sua característica. O enunciado inicial estabelece a situação, o lugar e os interlocutores. O texto é sucinto: a loira tece elogios à amiga que não vê há anos e a amiga apenas vai, monossilabicamente, confirmando o que ouve.

Essa piada difere das outras pela economia textual. Em termos discursivos, a piada deixa explicitar um humor negro, pois, a amiga da loira está em tratamento quimioterápico e a loira, ao ouvir, entende quimioterapia como uma

disciplina acadêmica ou um curso superior, como podemos ver abaixo. Esse é o tipo de enunciado que ativa o conhecimento de mundo.

— Ah. que legal! Na Estácio ou na Federal?

O enunciado final atribuído à loira é que seria o gatilho para o riso, mas seria este, a nosso ver, um riso perturbador, pois a piada trafegaria pela via do “discurso proibido” e faria lembrar de pessoas que estão em tratamento desse porte para tentarem a cura de males que assolam o ser humano, o que, muitas vezes, é longo. A loira parece desconhecer essa questão, configurando mais uma vez o papel que ela representa nesse tipo de piada.

3.2 Representações da mulher loira em piadas

Daremos continuidade ao estudo de piadas, tendo como foco nesta seção as representações da mulher loira e, subseqüentemente, faremos a análise da polifonia e da cena enunciativa, categorias alvo para esse estudo de piadas.

Considerando essas categorias de análises, trataremos de cada uma delas, mostrando-as, descrevendo-as e analisando-as. Apresentaremos, inicialmente, a piada 1 e, a seguir, passaremos a análise.

Piada 1:

Um ceguinho bêbado, sem saber, entra em um bar só de mulheres. Senta-se no balcão e pede uma bebida para o barman.

Toma logo a bebida e, depois de um tempo, mais bêbado ainda, o ceguinho grita:

— Quem quer ouvir uma piada de loiras burras?!

Uma das mulheres sentadas ao lado dele diz:

— Devo te avisar cinco coisas antes que você conte essa sua piada:

1. Eu sou uma loira de 1,75 e 90 kg e pratico halterofilismo;

2. O garçom é uma mulher loira;

3. O dono do bar é uma mulher loira;

4. Aí, do seu outro lado, tem uma loira professora de artes marciais;

5. E a mulher aqui do meu lado é uma loira policial.

— Você ainda está querendo contar a sua piada de loira?!

O ceguinho bêbado pensa um pouquinho e responde:

— Assim eu desisto! Se eu tiver que explicar a piada cinco vezes vai ser um saco!

Observamos que um dos protagonistas desta piada é um homem, que é cego e está bêbado. Essas duas características atribuídas a esse homem que adentra por acaso o bar de mulheres, por si só, seriam duas condições que o colocariam em uma posição desfavorável, frente a qualquer outra que se encontrasse naquele recinto. Depois de beber mais ainda e, desconhecendo o ambiente, ele anuncia que vai contar uma piada sobre “loiras burras”. Num ambiente daqueles, é de se esperar que a presença masculina predomine.

Mas ao contrário, o inusitado é que o bar é freqüentado somente por mulheres, item imprescindível para garantir o funcionamento da piada. O lugar, então, já provoca certa ruptura no imaginário popular, desacostumado a associar certas atividades ao mundo feminino tal como o bar, o futebol, ou jogo de azar, por exemplo.

A mulher que está ao seu lado lhe faz uma advertência: ela é uma loira halterofilista, o barman é uma loira, o dono do bar e o garçom também são loiras; nas proximidades encontram-se também uma loira, professora de artes marciais e outra loira policial.

O que podemos observar disso é que essas mulheres assumem as representações que são tipicamente masculinas, quer dizer, ao se pensar nas profissões ou atividades mencionadas, o que vem à mente é a figura masculina. Ao ouvir o que a loira lhe disse, poder-se-ia imaginar uma reparação por parte dele ou um pedido de desculpas, mas ao invés disso, ele profere um enunciado que subverte o discurso:

“—Assim eu desisto! Se eu tiver que explicar a piada cinco vezes vai ser um saco!”

Ao parecer que desistiu de contar a piada, e, de fato, ele diz que desiste, o ceguinho sutilmente desafia a inteligência dessas mulheres ao explicar o motivo pelo qual não vai mais contar a tal piada. É nessa ruptura que se constata o inusitado e o riso é provocado. Dessa forma, ele “termina” a narrativa sem dizer a piada que iria dizer. A criatividade fez com que ele parasse, pensasse e formulasse, naquele mesmo instante, outra piada espontaneamente. Considerando a representação desse enunciador, vimos que sua construção tem como base dois estereótipos, que também são recorrentes em piadas: ser cego e bêbado. Por fim, a piada consiste em mostrar que mesmo um homem com essas duas características “desfavoráveis” consegue tripudiar uma mulher. Como resultado temos novamente a representação da loira que é burra.

A piada 2 é a piada da “loira e o espelho mágico”. Nesta, vemos a presença dos três tipos básicos de mulheres em piadas, que é a loira, a ruiva e a morena, como constatamos a seguir:

Piada 2:

Havia um espelho mágico cuja característica especial era fazer desaparecer qualquer pessoa que dissesse uma mentira na sua frente. Certo dia, três mulheres vieram se consultar com ele: uma morena, uma ruiva e uma loira. A morena olha o espelho e diz:

— Eu penso que sou a mais linda mulher do mundo.
Puff! E a morena sumiu.

A ruiva, por sua vez, pára na frente do espelho e diz:

— Eu penso que sou a mulher mais inteligente... puff! A ruiva desapareceu.

A loira vai então para frente do espelho e sem pestanejar diz:

— Eu penso... puff! A loira some imediatamente.

A representação dessas mulheres se dá pela cor do cabelo, isto é, esse detalhe acaba por tornar-se elemento identificador de características particulares e estabelecedor de diferenças entre elas. Vejamos o que diz cada uma delas diante do espelho mágico. A primeira é a morena que, ao dizer “Eu penso que sou a mais linda mulher do mundo” desaparece evidenciando o que seria uma mentira. Como, no Brasil, não há uma hegemonia racial, se considera a morena como um dos padrões de beleza que identifica a raça brasileira. Interessante notar que o significante “morena” poderia adquirir outra significação em outra cultura, na qual a identidade racial e os valores identitários seriam bem mais notórios, como no continente africano ou nos Estados Unidos, onde as origens prevaleceriam acima de todos os outros aspectos, como formação acadêmica, status social, condição financeira, aspectos que em nosso país, por exemplo, parecem servir para “mascarar” a origem das pessoas. Seria o caso dessa morena ser chamada de negra nos Estados Unidos, por exemplo, o que poderia até ser politicamente correto, mas para nossos padrões culturais soaria um tanto pejorativo e até mesmo ofensivo, pela herança de discriminação e escravidão que marcaram nossa história.

A segunda a confrontar o espelho é a ruiva, outro tipo de mulher brasileira que pode não ser tão abundante quanto as morenas e loiras, mas notadamente está mais evidente, pois no imaginário popular, um dos desejos da mulher é o de pintar o cabelo, algo bastante comum hoje em dia, em que se prega o respeito às “diferenças”, onde a estética do belo passa pelo exótico, pelo inusitado. Conforme Moscovici(2000), nessa “classificação” de mulheres tem-se o que ele chama ancoragem, já que ela foi nomeada ou “rotulada” em tipos básicos, para ser mais reconhecida em piadas. Vale ressaltar que cada tipo pode dar margem a uma representação dessa mulher. Ter o cabelo ruivo seria uma forma, então, de chamar a atenção, de querer se destacar ou “seguir um modismo”, como se diz no imaginário popular. Na piada em questão, podemos considerar a ruiva como aquela que está numa espécie de “estado intermediário” entre a morena e a loira, como constataremos em outras piadas adiante. A última mulher em questão é a loira que, diante do espelho, só consegue dizer “eu penso...” e desaparece imediatamente. O mote desencadeador do riso é justamente a loira dizer que pensa, pois aí ela contou a grande mentira. Pode-se ver daí o quanto a loira é desclassificada em relação às outras, pois se ela não pensa é porque não tem inteligência, é burra. Este é o principal estereótipo atribuído à figura da mulher loira, exaltada no quesito beleza, mas em contrapartida, atacada no caráter inteligência. De certa forma, os três tipos de mulher nessas piadas são sempre postas à prova em diversas situações, onde a loira está sempre em visível desvantagem em relação às demais.

A mulher loira, como já dissemos, é o principal alvo de piadas, mesmo com a presença da morena e da ruiva. Há, em muitas dessas piadas, a participação do homem. Vejamos, então, de que forma estes personagens interagem entre si e o que podemos compreender daí. Selecionamos a seguinte piada:

Piada 3:

Após um naufrágio, três loiras foram parar numa ilha. Desesperadas, começaram a caminhar pela praia quando, sem querer, uma delas chutou um pequeno objeto. Assustaram-se, mas se agacharam para ver do que se tratava.

Era uma pequena lâmpada antiga, que passaram a esfregar para tirar a areia. Eis então que surgiu um gênio:

— Vocês me libertaram e, por isso, vou conceder um pedido a cada uma, disse o gênio.

— Quero ser ruiva — disse a primeira loira.

O gênio atendeu. Ela então, ao deixar de ser loira, ganhou a capacidade de pensar. Olhou em volta e viu que havia material para fazer uma canoa. Construiu a embarcação e foi embora da ilha, com muito esforço, remando contra a maré.

— Quero ser morena, pediu a segunda.

O gênio então a transformou e, com sua nova condição, atirou-se ao mar para ver se, dessa vez, conseguia aprender a nadar. Conseguiu e, com muito sacrifício, pode deixar a ilha, dando suas braçadas contra a maré.

A terceira então pediu:

— Quero que me transforme num homem

O gênio assim o fez. Ele então saiu andando pela ponte que ligava a ilha ao continente.

Observa-se a perspectiva machista sob a qual o discurso é construído, nessas piadas, sobretudo quando uma das figuras implicadas é o homem. O homem representa nas piadas de mulheres, sejam loiras ou não, o equilíbrio, a inteligência, o pensamento coerente. O homem representa o ideal ao qual elas desejaríamos almejar. Na piada em questão, as três loiras têm seus respectivos desejos realizados; a primeira queria ser ruiva, e tão logo foi atendida, engendrou uma solução para seu problema; a segunda, que queria ser morena, também pensou e encontrou uma opção para contornar o problema; já a terceira, por ter se tornado homem, foi quem melhor se sobressaiu, e encontrou a solução mais óbvia, que de certa forma, descaracterizou e desqualificou as outras, inclusive a si própria, na condição de mulher:

“Ele então saiu andando pela ponte que ligava a ilha ao continente...”

Mais uma vez reitera-se a representação de mulher burra, papel atribuído às loiras nessas piadas, nas quais a falta de lógica ou discernimento apresenta-se em qualquer situação, por mais simples que seja. Como vimos, a loira só adquiriu a capacidade de pensar depois de pedir ao gênio que a transformasse em um homem.

A partir daí, ela solucionou o problema de forma mais óbvia, ou seja, atravessando a ponte que ligava a ilha ao continente. As outras duas mulheres, ao virarem uma ruiva e outra morena, também passaram a pensar, mas nem assim encontraram a solução óbvia e recorreram a soluções complicadas para resolverem a questão. A piada seguinte também apresenta a loira interagindo com um homem numa

situação do dia a dia, numa loja de eletrodomésticos. Essa piada corrobora o que estamos constatando até o momento.

Piada 4:

Uma loira foi à loja de eletrodomésticos e falou:

— Quanto custa aquele microondas?

E o gerente disse: não vendemos microondas para loiras.

Então ela pintou o cabelo de ruivo e voltou àquela loja:

— Qual é o preço do microondas?

— Não vendemos microondas para loiras, responde o gerente.

Ela tenta uma nova tática. Pinta o cabelo de negro e vai novamente à loja:

— Eu gostaria de comprar aquele microondas. Qual é o preço?

— Não vendemos microondas para loiras, é a resposta do gerente.

— Como você sabe que sou loira?

— É que isto não é um microondas, é um aparelho de televisão.

Novamente verificamos a questão da cor do cabelo como diferenciador e, ao mesmo tempo, gerador de representações, ainda seguindo os tipos básicos que são a loira, a morena e a ruiva. A loira dessa piada, ao ouvir a negativa do gerente, buscou a solução pintando o cabelo de ruivo e, à mesma resposta negativa, volta depois com o cabelo pintado de preto, ouvindo pela terceira vez a mesma negativa, que é “Não vendemos microondas para loiras”. Ao indagar ao gerente como ele sabia que ela era loira, ela ouve a seguinte resposta: “É que isto não é um microondas; é um aparelho de televisão”..

Essa “solução” que a mulher busca para realizar seu desejo, ou seja, pintar o cabelo, remete ao que Moscovici (2000) chama de objetivação, pois ao que parece, ela busca um referencial, uma outra imagem que pode vir associada a outra idéia; assim, não sendo mais loira, ela deixaria de ser vista como “burra” e se livraria de toda carga “negativa” associada à imagem da loira.

Por fim, a incapacidade de discernimento torna-se uma marca nessa loira, incapaz até de esconder sua burrice, mesmo que tente se disfarçar para isso. Fica evidente que ela confundiu uma televisão com um microondas por ser loira, reiterando o estereótipo de que ser loira é ser burra.

Na próxima piada, a loira se encontra em um avião para Nova York, sentada na primeira classe, embora seu bilhete não seja pertencente a essa classe. Sua insistência em permanecer naquela poltrona da referida classe vai requerer astúcia e habilidade de quem já tenha experiência em lidar com tal situação:

Piada 5:

Em um avião indo para Nova York, a comissária se dirige a uma loira sentada na divisão reservada para a primeira classe e pede para que ela se mude para a classe econômica, pois ela não tinha a passagem para a primeira classe. A loira replicou dizendo:

— Eu sou loira, eu sou bonita, estou indo para Nova York e eu não vou sair.

Não querendo argumentar com a passageira, a comissária pede para o co-piloto para falar com ela. Ele foi falar com a mulher pedindo que ela fizesse a gentileza de sair da primeira classe.

Novamente, a loira respondeu:

— Eu sou loira, eu sou bonita, estou indo para Nova York e eu não vou sair.

O co-piloto voltou para a cabine de comando e perguntou para o piloto o que ele deveria fazer.

O piloto disse:

—Eu sou casado com uma loira e sei como lidar com isso.

Ele foi para a primeira classe e sussurrou no ouvido da loira... Ela imediatamente pulou da cadeira e correu para o setor econômico resmungando para si:

— Por que ninguém me disse antes?

Surpreso, a comissária e o co-piloto perguntaram o que ele havia dito para a loira que a convenceu a sair. Ele disse:

— Eu disse a ela que a primeira classe não estava indo para Nova York!

A loira que ocupa uma vaga na primeira classe indevidamente é interpelada primeiramente pela comissária de bordo que pede para que ela se retire para a classe econômica, ao que a loira diz:

“—Eu sou loira, eu sou bonita, estou indo para Nova York e eu não vou sair”.

O enunciado acima é repetido como um bordão pela loira na segunda vez que algum dos funcionários a interpela, desta vez o co-piloto com o mesmo propósito, que é fazê-la ir para a classe econômica. Pode-se observar, através deste bordão, como a loira assume para si o estereótipo da mulher desejada, objeto sexual e que faz parte do imaginário masculino e feminino também, pois quantas mulheres não desejariam ser loiras, bonitas e estarem na primeira classe de um avião para Nova York?

Determinada no que diz, a loira não se dobra e assume a representação da mulher que “se impõe”, que é “poderosa” devido aos seus atributos físicos, que chamam a atenção, e lhe conferem esse “poder” de fazer o que bem quiser. A terceira tentativa de convencê-la parte do próprio piloto, um homem, que ao saber do ocorrido, diz aos colegas:

“Eu sou casado com uma loira e sei como lidar com isso”.

Ao proferir tal enunciado, mais uma vez, reforça-se o estereótipo da loira como alguém especial, diferente ou pelo menos, peculiar, que necessita de “cuidados especiais”. Com o resultado positivo da intervenção do piloto, a loira foi para a classe econômica, pois a solução encontrada foi dizer que “a primeira classe não vai para Nova York”.

Fica, então, a representação da loira bonita, mas burra, incapaz de raciocinar o absurdo que lhe foi dito para que mudasse da 1ª classe para a classe econômica. A figura masculina envolvida na piada, na pele do piloto, mais uma vez reitera a representação da sensatez, da lógica e, sobretudo, da astúcia.

Como já dissemos anteriormente, a loira é estigmatizada nas piadas com, pelo menos, dois aspectos evidentes, ser bonita e burra. Verificamos uma piada no universo do trabalho, na qual as duas características emergem, e que apresentamos a seguir:

Muito gostosona, a loira foi contratada como secretária, mais por seus dotes físicos do que pela experiência.

No primeiro dia o chefe lhe dá uma ordem e ela tenta fazer o que ele pediu. Liga para o almoxarifado da empresa e pergunta:

— Você tem envelope redondo?

— Envelope redondo?

— Sim! O chefe pediu para eu enviar uma circular!

Verificamos a imagem da mulher secretária, que deve representar alguém que ocupa um cargo de confiança junto ao chefe, alguém que está sempre disponível para executar tarefas por ele solicitadas. Agora imaginemos a loira secretária, alguém que está não simplesmente disponível para executar tarefas burocráticas, mas está sexualmente disponível para o chefe. No imaginário coletivo popular, a secretária

“gostosona” tem que ser loira, que pode não executar bem as tarefas, mas pode compensar sua inaptidão com outras atribuições mais prazerosas. Essa mulher loira que poderia ser uma profissional como outra qualquer, acaba assumindo nas piadas a representação da mulher-objeto, objeto de desejo, com sua beleza física notória, corpo escultural, mas que não pensa e nem sequer lhe é cobrado isso, pois o cargo que ocupa é meramente figurativo. A burrice atribuída a esse tipo específico de mulher atinge às vezes níveis inimagináveis, como no caso dessa piada, onde um simples pedido como para enviar uma circular, ela entende que precisa de um envelope redondo para executá-lo. A representação dessa mulher loira quando no mercado ou universo do trabalho reitera-se nos mesmos níveis já citados. Muitas vezes a piada ressalta esses aspectos de forma bastante clara, como se fosse via de regra, corroborando o que já se disse sobre a piada se apoiar muitas vezes em estereótipos grosseiros, como na piada seguinte:

O chefe do escritório de contabilidade vai falar com a nova contratada, ela tinha sido indicada por um alto diretor da empresa, como sendo muito “prendada”. Ao encontrar a moça ele até fica assustado. É uma loira estonteante, siliconada, corpo escultural, olhos verdes, bronzada... ou seja, toda prendada! Refeito do susto e começando a dar as instruções, ele fala:

— Suponho que a senhorita saiba o que é fatura e o que é duplicata. Estou certo?

E ela responde:

— Mas é claro que sei. Fatura é o que acontece quando a gente quebra uma perna e duplicata é quando quebra as duas...

A loira recém contratada foi recomendada pelo diretor da empresa como muito “prendada”. Ao encontrar a loira o chefe do escritório constata a sua beleza estonteante, sua cor bronzeada, seu corpo escultural, olhos verdes e cabelos loiros, o que o deixa bastante impressionado. Diríamos que essas são as “prendas” às quais o diretor fazia referência. Isso nada mais é do que a imagem, ou melhor, a representação que se cria da funcionária ideal, da secretária perfeita, na qual seus dotes físicos superam e até ofuscam qualquer habilidade ou requisito profissional.

A secretária loira nas piadas nunca desenvolve o trabalho com eficiência e até mesmo não conhece suas atribuições, como na piada 7, na qual o chefe lhe pergunta se sabe a diferença entre fatura e duplicata, ao que ela responde:

“—Mas é claro que sei. Fatura é o que acontece quando a gente quebra uma perna e duplicata é quando quebra as duas!”.

Na representação dessa mulher loira e bonita a inteligência é inversamente proporcional à sua beleza, ou como se diz popularmente, o que sobra em beleza falta em inteligência, logicidade e raciocínio.

A piada que selecionamos a seguir envolve as loiras e as morenas, o que parece ser um embate constante entre as duas. Mesmo que a piada seja para desqualificar a mulher, quando as duas se encontram, há sempre uma maneira de mostrar que a loira sempre vai estar em desvantagem passando por situações que vão por em xeque até mesmo o seu bom senso, como verificamos abaixo:

Dois times de basquete, um de mulheres morenas e outro de loiras, contrataram um ônibus de excursão de dois andares para um torneio em outra cidade. O time das morenas no andar de baixo e o das loiras no andar de cima.

As morenas no andar de baixo viajaram fazendo a maior bagunça, até que uma delas notou que o andar de cima estava muito quieto e uma foi investigar o que esta acontecendo.

Quando a morena chegou no andar de cima, ela viu que todas as loiras estavam apavoradas de medo, segurando fortemente os braços de suas poltronas e todas olhando para frente.

A morena perguntou:

— O que esta acontecendo aqui? Nós estamos tendo uma grande festa lá embaixo!

Uma das loiras se vira e responde:

— É, mas vocês têm motorista!

Essa piada coloca a loira no universo esportivo, pois elas formam um time de basquete e tem como adversárias as morenas. Quando o bom senso é posto em questão, as loiras perdem para as morenas. O quesito inteligência chega a beirar o *nonsense* nas piadas de loira, pois a piada 8 mostra a burrice da loira não apenas em termos de conhecimento, do saber erudito, das coisas do fazer do dia a dia, mas numa simples questão de lógica, pois ninguém questionaria a falta de um motorista, estando na parte de cima de um ônibus de dois andares, isto é, ninguém com o juízo perfeito. A loira representa a falta de logicidade e raciocínio, de juízo de valor e bom-senso,

algo que, nesse caso, vai além da própria burrice. Isso vem corroborando uma máxima implícita nessa piada: a loira é burra. Tendo em vista que o enunciado proferido pela loira não demonstra sensatez ou ponderação, encontramos eco no que postula o filósofo inglês Grice (1913-1988) sobre as máximas para que uma conversa seja bem sucedida. Ele elenca quatro máximas nesse processo, na qual poderíamos destacar duas categorias nas quais a piada de loira incorre: a máxima da relevância, que diz que o enunciado deve ser relevante e a máxima de modo, que diz que se deve ter clareza nas enunciações. Embora a piada desqualifique a mulher, a morena jamais se encontrou em situações extremas. Quando a morena atua em uma piada junto com a loira, é para mostrar o quanto a última está na pior classificação no ranking da inteligência.

Algumas piadas de loiras esboçam situações que parecem transitar pelo místico, pelo transcendental ou pelo inusitado. Nem sempre a situação é o que aparenta, mas serve de pretexto para testar os limites do bom senso da loira e constatar a sua inaptidão para discernir as coisas:

Uma loira decidiu ir pescar no gelo, depois de ler muitos livros e artigos sobre o assunto. Checando sua lista, ela prepara todas as ferramentas necessárias. Ao chegar ao local, nossa jovem amiga encontra uma pequena área que lhe parece promissora. Posiciona suas ferramentas e começa a fazer um corte circular no gelo e, de repente, do alto, vem uma voz tonitruante:

— NÃO HÁ PEIXE EMBAIXO DESSE GELO!! Atônita, a loira moveu-se mais para a frente, no gelo, despejou chá da sua garrafa térmica e começou a cortar outro buraco no gelo. De novo, dos céus, a voz baixou:

— NÃO HÁ NENHUM PEIXE DEBAIXO DESSE GELO!!

A loira, agora bastante preocupada, mudou-se para a outra ponta do gelo.

Preparou seu equipamento e tentou ainda mais uma vez cortar o buraco. A voz se repetiu:

— NÃO HÁ NENHUM PEIXE EMBAIXO DESSE GELO!!!
EU JÁ FALE!!!!

Ela parou, olhou para cima e disse: - O senhor é Deus?
A voz respondeu:

NÃO, SUA ANTA!!!! EU SOU O GERENTE DA PISTA
DE PATINAÇÃO!!! !!!

Essa piada mexe com o conceito filosófico-religioso da loira e atesta sua burrice e ilogicidade mesmo tendo certo grau de estudo. A loira da piada que leu muitos livros de pesca e adquiriu os materiais necessários para efetuar uma pescaria, e fez realmente tudo certo, mas sua aparente inteligência vem abaixo quando ao ouvir uma voz bastante sonora dizer-lhe insistentemente “Não há peixe embaixo desse gelo”, ela questiona se é Deus que fala com ela. Fica evidente que só mesmo uma loira tentaria encontrar peixe sob o gelo de uma pista de patinação.

Finalizamos esta parte da Análise com uma última piada de loiras em que ela interage com outra mulher, uma amiga, numa situação corriqueira:

Piada 10:

Uma loira encontra uma amiga que não via há muito tempo e vai logo dizendo:

— Menina, como você está diferente! Cortou o cabelo...
Ta moderna...

— É...

— Tá mais magra... bonita...

— É...

— Então, me conta o que você anda fazendo da vida?

— Eu tô fazendo quimioterapia.

— Ah que legal! Na Estácio ou na Federal??

A piada 10 opera com a representação da “amiga burra”, incorporado pela loira que, ao reencontrar a amiga que não via há tempos, tece vários elogios à sua aparência, a qual julga moderna, diferente. Ao perguntar à amiga o que esta anda fazendo da vida e obter como resposta “quimioterapia” ela nem de longe percebe que sua amiga está em tratamento profundo de saúde e sua aparência nada mais é do que a consequência desse tratamento. A piada em si aparenta ser um pouco fria, quase séria, não fosse pelo último enunciado, proferido pela loira, fazendo uma quebra no tom de seriedade e provocando o riso:

- Ah! Que legal! Na Estácio ou na federal?

O foco da piada 10 pode não ser o humor negro contido na mesma, pois a situação nada tem de risível, mas a piada aproveita esse tipo de humor para demonstrar que a loira é incapaz de discernir entre um tratamento de saúde e um curso universitário. Mais uma vez, reitera-se a máxima nessas piadas de que a loira pode ser bonita e muitas piadas até exaltam sua beleza, mas, em contrapartida, são completamente burras, capazes de cometer as piores gafes nas situações mais inesperadas, que as tornam cômicas ao extremo, e alvos preferidos no repertório de piadas populares.

3.3 Análise dos dados

Nesta seção, vamos investigar a **polifonia e a cena enunciativa** que se configuram no texto humorístico, sob forma de piadas de mulher, conforme anunciamos desde o início desta pesquisa.

Inicialmente, trataremos da **polifonia**, buscando exemplificações dentro das piadas que selecionamos para análise.

- **Piada 1**

Ao adentrar, por engano, um bar só de mulheres, um ceguinho bêbado diz em voz alta, o seguinte enunciado, que caracterizamos como discurso direto:

Exemplo 1:

“— Quem quer ouvir uma piada de loiras burras?!”

Ao perguntar quem quer ouvir esse tipo de piada em um lugar público, o ceguinho bêbado provavelmente sabe que sua proposta será acolhida junto ao público, pois imagina estar em um ambiente onde geralmente a frequência masculina é predominante; além do que, qual o melhor lugar para se contar piadas que mesinha ou balcão de bar?

Ele espera então que todos o ouçam e compartilhem de sua proposição, que é expor a mulher loira ao ridículo, ao risível, a título do que se faz com outros grupos como, por exemplo, homossexuais, negros, portugueses, etc..

O enunciado destacado acima, que classificamos como discurso direto vem a ser o aspecto lingüístico que apresenta marca de polifonia, ou seja, outra voz que se manifesta através desse enunciado. Tomamos essa como a voz da insensatez,

reforçada pelo fato dele ser cego, o que seria, analogicamente falando, um atributo referente à inconsciência, ao não analisar o que é certo ou errado naquele momento. Observemos que o enunciador apresenta-se como cego e ainda está completamente bêbado.

Destacamos agora o próximo exemplo que elencamos como presença de polifonia na mesma piada; é um exemplo do discurso direto:

Exemplo 2:

“—Devo te avisar cinco coisas antes que você conte essa sua piada”.

O segundo enunciado (ex.2) provém de uma loira que está próxima ao ceguinho bêbado e o interpela. Estabelecemos uma análise entre o enunciado do ceguinho bêbado (primeiro enunciador) com o da loira que fala em seguida (coenunciador) e verificamos a forma como ela o interpela, com o tom autoritário, numa forma de contra atacar, ou advertir antes que ele cometa o seu ato de “insensatez”. Se isolarmos o fragmento “Devo te avisar...”, evidenciaremos que alguém que se pronuncia dessa forma detém certa autoridade para impor seu discurso, como uma mãe a um filho ou um mestre a um aprendiz. Poderíamos então, classificar essa voz como advinda da consciência ou da razão, ou seja, aquela voz interior que nos convida a refletir, a ponderar diante de algum ato amoral ou subversivo à conduta vigente, que estejamos prestes a cometer.

Encontraremos a enunciação irônica no próximo exemplo destacado dessa piada:

Exemplo 3:

“— Assim eu desisto! Se eu tiver que explicar a piada cinco vezes vai ser um saco”.

Ao imaginarmos que o ceguinho vai refletir após a exposição de motivos à qual a loira o submeteu, eis que configura-se uma resposta irônica, que de forma exclamatória marca a polifonia nesse enunciado e desconstrói o discurso anterior. Temos, portanto, a presença da ironia neste enunciado.

Observamos também a gíria “um saco”, onde fazemos a pressuposição da imagem desse locutor, cujo termo citado gera até uma certa ambigüidade . Será que é um “saco” contar a piada cinco vezes porque ela acaba perdendo a graça ou será porque ele terá que agüentar cinco loiras burras pedindo, uma a cada vez, para que ele repita a mesma piada?

De qualquer forma, é esse enunciado final que desencadeia o riso, pois ele não conta piada nenhuma e ainda que de forma sutil, conseguiu tripudiar uma mulher loira (ou cinco loiras) sem contar uma piada sequer.

• Piada 2

Na piada 2, temos a loira, a ruiva e a morena diante do espelho mágico. Destacamos o seguinte enunciado, que é proferido pela morena, que exemplifica o discurso direto mais uma vez evidenciado polifonia:

Exemplo 4:

– Eu penso que sou a mais linda mulher do mundo. Puff! E a morena sumiu.

No caso dessa piada, o espelho acusa qualquer mentira, fazendo desaparecer a pessoa que mentir diante dele. Podemos, especificamente no Ex.4, notar que a morena, apesar de ser a primeira a contar uma mentira diante do espelho, não é, a priori, o alvo do riso ao qual destina-se a piada. Embora não haja um motivo especificamente risível aqui, fica evidenciado que a morena pode ser bonita, mas não o tanto que ela acha ser. Na observância da polifonia, esse enunciado pode revelar uma outra voz; aquela que provém dos narcisistas, ou seja, aqueles que, segundo o mito de Narciso, apaixonam-se pela sua própria imagem e se acham extremamente belos, com uma beleza física superior às demais. Observamos aqui que na mitologia grega, Narciso viu seu reflexo no espelho refletido na água da fonte e se encantou com sua beleza, tal qual a morena diante do espelho.

No outro enunciado da piada, temos a vez da ruiva diante do espelho. Em situação parecida, temos o discurso direto:

Exemplo 5:

— Eu penso que sou a mais inteligente...puff! A ruiva desapareceu.

No exemplo 5, também encontramos situação semelhante à qual a morena foi submetida. Porém, com uma velocidade maior, a ruiva desaparece, no momento em que mal pronuncia o atributo que exalta para si: a inteligência. A ruiva, embora não seja também o alvo do riso, ela é importante para se chegar ao ápice da piada.

Vejamos, pois, o último enunciado que destacamos na piada, atribuído à loira, também na forma de discurso direto:

Exemplo 6:

— Eu penso... puff! A loira some imediatamente.

Verifica-se, no Ex.6, que a loira foi a mais desfavorecida de todas, pois nem sequer completou seu enunciado. Ao dizer “Eu penso...”, buscamos na polifonia a voz do célebre discurso filosófico sobre a existência humana, resumido na frase proferida pelo filósofo Descartes: “Penso, logo existo”. Ora, podemos pressupor, então, que a loira não pensa e, por isso, não poderia existir, o que provoca o seu imediato desaparecimento diante do espelho. A loira subverte essa máxima filosófica e expõe novamente a questão da representação dela nas piadas. Nos dois extremos da piada, constatamos que a morena não é burra, mas a loira sim, e ela é mais uma vez desqualificada, fortalecendo o estereótipo de burra, condição que nesta piada imprime-se na loira como uma máxima.

•Piada 3

A piada 3, selecionada por nós para este estudo e nomeada “três loiras naufragas” revela-se interessante no estudo da polifonia. Essa piada faz um paradigma com o texto das fábulas, nesse caso, “Aladim e a lâmpada maravilhosa”, na qual um gênio dispõe-se a realizar todos os desejos de quem o libertar do aprisionamento. Também podemos relacionar com a obra de Daniel Dafoe: (Robinson Crusoe), em que um naufrago encontra-se sozinho numa ilha. Verificamos o que ocorre no exemplo que destacamos abaixo:

Exemplo 7:

“—Quero ser ruiva” - disse a primeira loira.

Ao proferir seu desejo, a primeira loira rejeita sua própria condição de ser loira. Podemos deduzir outra voz do discurso que pressupõe o seguinte:

“— Não quero mais ser loira”. Na situação de aflição que se encontra, essa seria a sua solução para resolver o problema daquele momento, que é sair da ilha sã e salva. Tal pedido realizado fez com que ela pensasse e encontrasse uma alternativa para resolver o problema.

A segunda loira fez seu pedido numa condição semelhante à anterior, como verificamos no próximo exemplo:

Exemplo 8:

“— Quero ser morena”.

Da mesma forma que a anterior, poderíamos fazer a leitura do texto como:

“Não quero mais ser loira”. Novamente, é essa característica que a incomoda tanto e lhe impede de achar uma solução para o problema. Tendo resolvido, a morena pensou e arrumou outra forma de sair daquela ilha.

Por último, a terceira loira lança seu último recurso, conforme mostra o exemplo 9:

Exemplo 9:

— A terceira então pediu:

“— Quero que me transforme num homem”.

Pelo exposto acima, poderíamos considerar duas pressuposições:

— A loira estaria rejeitando sua própria natureza, pois podemos pressupor que, ao ter proferido o enunciado 9, a loira quis dizer na verdade “não quero mais ser mulher”;

—A loira, ao querer como solução transformar-se em um homem, admite sua condição de que “toda loira é burra, reiterando o estereótipo existente.

Piada 4

- A piada 4 intitula-se “ A loira na loja de eletrodomésticos”. Temos como coenunciadores deste a loira ,que conversa com o gerente da loja. Destacamos,inicialmente,o seguinte exemplo:

Exemplo 10:

— Quanto custa aquele microondas?

E o gerente disse: não vendemos microondas para loiras.

Ao proferir o fragmento acima, o coenunciador remete sua fala a outro discurso, um discurso proibitivo, representado pela palavra “não”. Esse discurso proibitivo estabelece paralelo com enunciado do tipo: “ não vendemos bebidas alcoólicas para menores”, muita apropriada em bares.

Observamos uma postura machista, ao enunciar “não vendemos microondas para loiras”. Num contexto mais abrangente, a mulher ainda é estigmatizada com aquele papel de “dona de casa”, “zeladora do lar” e tudo o mais que a coloca numa condição cuja atribuição remonta à sociedade patriarcal. Costuma-se ouvir que a mulher é “piloto de fogão”, por exemplo. Então, ter acesso a um microondas não seria desconstruir esse papel ou simbolizar uma emancipação? Além do mais, há a questão da tecnologia, onde um “não” direcionado à figura da mulher reforçaria o estereótipo de que a mulher não tem capacidade para lidar com a tecnologia.

O enunciado repete-se a cada momento que a loira retorna, na tentativa de comprar o microondas. Ao final, evidenciamos a presença da marca de polifonia através do enunciado irônico que esteve presente durante os momentos em que o coenunciador dirigiu-se ao enunciador com a assertiva negativa.

Exemplo 11:

— Como você sabe que eu sou loira?

— É que isto não é um microondas, é um aparelho de televisão.

Observamos a maneira como o discurso proibitivo foi direcionado para a loira, gerando o riso ao dar a explicação ao final da piada. Que motivo teria uma loja para não vender microondas a uma loira? Fica evidente que o coenunciador usou de ironia ao dizer: “não vendemos microondas para loiras”, pois o que ele queria dizer, provavelmente, é que

“vendemos microondas para pessoas inteligentes”. A loira não estaria inclusa, pois ela jamais saberia distinguir uma televisão de um microondas.

- **Piada5**

Na piada 5, temos a loira bonita que senta na primeira classe de um avião com destino a Nova York e desempenha o papel de enunciadora. Ela está indevidamente alojada na primeira classe, pois não possui a passagem para a mesma. Os outros funcionários de bordo, ou seja, a comissária, co-piloto e o piloto funcionam como coenunciadores que, um a um, tentam convencê-la a mudar-se para a classe econômica.

No caso específico dessa piada, a qual submetemos à análise, é possível notar no enunciado proferido pela loira, a repetição insistente do pronome pessoal da primeira pessoa, caracterizando como a enunciadora marca seu discurso e também a forma de imposição com a qual ela contrapõe a voz anterior que, diferentemente, e, não aparente no discurso, solicita-lhe que faça a gentileza de trocar de classe no avião:

(12) “— **Eu** sou loira, **eu** sou bonita, **eu** estou indo para Nova York e **eu** não vou sair.” Observamos também a presença do advérbio de negação *não* que aqui pode ser um instrumento de auto-afirmação da loira frente ao que ela pode estar vendo como uma “imposição e não como uma solicitação. As duas proposições do enunciado do ex.12 são : (a) : a primeira , que é o que se quer dizer (“eu sou loira, eu sou bonita...”) e depois a negação do que foi dito, no caso, contrapondo o pedido para que saísse do assento daquela classe (“... e eu não vou sair.”)

Outro ponto interessante é o enunciado atribuído ao piloto , cuja fala remete a outro discurso, que analogicamente, poderia ser atribuído ao discurso médico ou

psiquiátrico, pois é como se diagnosticasse um caso e já sabe como tratá-lo, conforme mostra o exemplo:

Exemplo 13:

“— Eu sou casado com uma loira e sei como lidar com isso.”

Esse outro discurso, dentro desse contexto ao qual nos referimos, poderia ser algo como : “ Eu tenho um filho autista e sei como lidar com isso” ou ainda “ eu convivo com alguém com essa síndrome e sei como lidar com isso.” Pode-se aqui pressupor que estar casado com uma loira requer uma atenção diferenciada, ou até mesmo, configura algo patológico , pois “saber lidar com isso” pressupõe alguém com certo preparo para lidar com o caso “incomum” , “ especial” . Faz-se necessário, para entender o contexto da piada, ter conhecimento de todo o estereótipo ou representação em torno da mulher loira para que se possa achar graça da mesma, caso contrário , não surtirá o efeito desejado. Queremos ,com o que acabamos de colocar, apenas assinalar a presença de outros discursos, evidenciando a presença de outras vozes, que caracterizam o fenômeno da polifonia.

Piada 6

Manifesta-se, na piada 6, sob a forma de discurso indireto a fala do narrador que estabelece a situação inicial ou primeira enunciação no discurso humorístico em foco: “ Muito gostosona , a loira **foi** contratada como secretaria , mais por seus dotes físicos do que pela experiência ”. O locutor faz uso da expressão “muito gostosona” , expressando em seu ato de fala um termo popular que resume bem o significado de uma mulher bonita, atraente, sensual, que no caso, associa-se ao estereótipo da loira em piadas. Esse primeiro momento, moveu o momento enunciativo para o passado, conforme o verbo em destaque. Num segundo momento enunciativo, o locutor move-se para o presente, narrando o que

ocorre no primeiro dia de trabalho da então recém-contratada secretária, como observamos abaixo:

Exemplo14:

“No primeiro dia, o chefe lhe **dá** uma ordem e ela tenta fazer o que ele pediu.

Liga para o almoxarifado da empresa e pergunta (...)

A predominância no enunciado acima é do discurso indireto. Note-se que o locutor menciona uma outra voz manifesta, a voz do “chefe”, que remete à autoridade, o que manda, a voz patronal. Observamos, assim, que nas piadas em geral a função do chefe é “dar ordens” e esperar que obedeçam. A relação patrão-empregado ainda possui esse vínculo autoritário e hierárquico; quando na realidade, já se fala em parcerias nas empresas e onde tenta-se mudar essa imagem estereotipada do chefe na realidade, o estereótipo ainda sobrevive nas piadas. Num terceiro momento enunciativo, predomina o discurso direto, onde a loira assume como enunciadora, dirigindo-se a um coenunciador colega seu que trabalha no almoxarifado:

Exemplo 15:

— Você tem envelope redondo? — Envelope redondo? — sim ! O chefe pediu para eu enviar uma circular!

Pelo primeiro e terceiro enunciados desta situação enunciativa e que são atribuídos à loira, podemos pressupor que o chefe, cuja voz não é manifesta no discurso, pode ter feito a seguinte assertiva: “Quero que envie uma circular a todo o pessoal desta empresa”. A compreensão da loira manifesta-se outra vez como sinal da burrice que lhe é atribuída nas piadas, pois ela compreende *circular* pelo formato ou forma geométrica do documento e não pelo seu caráter informativo, de realmente *circular* por todos os funcionários de um determinado setor empresarial.

Piada 7

A piada 7, também pertencente ao universo do trabalho, apresenta-se muito semelhante ao contexto da piada anterior. A primeira manifestação enunciativa ocorre também sob forma de discurso indireto. Encontramos também um primeiro momento enunciativo, que transcrevemos abaixo:

O chefe do escritório de contabilidade vai falar com a nova contratada: ela tinha sido indicada por um alto diretor da empresa, como sendo muito “prendada”.

Vejamos que o locutor refere-se ao chefe do escritório de contabilidade, que recebeu informações de um alto diretor da empresa a respeito da nova contratada. A primeira voz oculta neste discurso refere-se a este alto diretor da empresa, cuja única manifestação de fala restringe-se ao termo “**prendada**”. O termo aqui enfocado se refere a uma prática muito comum no universo do trabalho: a prática da indicação e do apadrinhamento, pois ao que deixa transparecer, a loira fora contratada também mais por causa dos seus atributos físicos notáveis, sem disputas de concorrência ao cargo, análise de currículo e tudo o mais que é requisitado para admissão de um funcionário. Prossegue em discurso indireto, o locutor descrevendo a loira, conforme as impressões obtidas pelo chefe do escritório:

Ao encontrar a moça, ele até fica assustado. É uma loira estonteante, siliconada, corpo escultural, olhos verdes, bronzeada... ou seja, toda prendada. Aqui fica evidente o caráter pessoal que foi atribuído ao termo *prendada*. São seus atributos físicos que chamam a atenção, sem que nenhuma menção à sua qualificação e experiência profissional tenha sido feitas. Destacamos no enunciado seguinte o que seria uma evidência de pressuposição.

Exemplo 16:

— **Suponho** que a senhorita saiba o que é fatura e o que é duplicata. **Estou certo?** A afirmação acima pertence ao enunciador, manifestando através do chefe do escritório. Ele pressupõe que a loira, coenunciadora deste, tenha conhecimentos básicos das atribuições de um escritório. Ele não a questiona; Ele fala em tom de afirmação, e espera uma confirmação, pois julga que alguém que vai trabalhar num escritório de contabilidade tenha a mínima noção das atribuições mais básicas.

Piada 8

A piada 8, é uma daquelas que envolve loiras e morenas que, vez por outra se “confrontam” em situações que exigem a perícia, o raciocínio e o discernimento delas. Essa piada tem como pano de fundo um jogo entre loiras e morenas que irá se realizar em outra cidade. Elas estão em viagem, num ônibus de excursão de dois andares. De forma apropriada, a piada sugere não apenas um confronto físico, pois trata-se de um torneio de basquete, mas um confronto intelectual, pois mais uma vez evidencia-se a “burrice” da loira, frente a mais uma situação banal.

Como as morenas viajavam no andar de baixo e faziam muita bagunça, notaram que no andar de cima, onde se encontravam as loiras, estava muito quieto. Uma delas foi averiguar o que estava acontecendo. É no diálogo entre elas que evidenciamos a marca de polifonia existente. Vejamos o diálogo entre elas e o enunciado final, onde o operador argumentativo “mas” sinaliza polifonia:

Exemplo 17:

A morena perguntou:

— O que está acontecendo aqui?

Nós estamos tendo uma grande festa lá embaixo !

Uma das loiras se vira e responde:

Exemplo 18:

- É , mas vocês tem motorista.

No enunciado seguinte, a loira responde afirmativamente, concordando com o que a morena argumentava e a seguir, faz um argumento oposto, de conclusão contrária, iniciado por *mas*. Há, então, dois argumentos opostos. Ao argumento das morenas no enunciado pode-se pressupor que as loiras deveriam também estar fazendo a maior bagunça no andar de cima, mas não estavam perfazendo duas vezes, pois a loira concorda que elas deveriam estar fazendo a maior bagunça ou se divertindo muito e contra argumenta que isso não é possível por não terem motorista no andar de cima (!)

Piada 9

A loira resolve por em prática seus dotes de pescaria sob o gelo. Após ler muitos livros a respeito do assunto e assim providenciar todos os materiais, ela parte em busca de peixes. Destacaremos aqui um enunciado proveniente de um co enunciador, inicialmente não identificado, que se manifesta para a loira em tom de advertência . A voz, em tom bastate sonoro, profere a seguinte mensagem, que se repete algumas vezes ao longo da piada.

Exemplo 19:**NÃO HÁ PEIXE EMBAIXO DESSE GELO**

O advérbio de negação presente é uma resposta a outra voz, não existente no texto, que afirmaria a existência de peixe sob aquela camada de gelo . A polifonia evidencia a manifestação de outras vozes existentes no discurso; o “não” geralmente é um indicativo ou uma marca de polifonia. Essa mesma voz manifesta-se como um “enunciado divino”, pois vem do alto é sonora e onisciente, pois sem ter havido interação verbal alguma, percebe-se que há alguém à procura de peixes sob o gelo. É uma voz que reverbera e que vem do alto sem que se precise exatamente de onde está sendo emitida, portanto, a loira presume que seja dos céus . Fica patente possível crença ou manifestação religiosa na loira, através do enunciado por ela proferido à incessante voz que lhe transmite a mensagem.

Exemplo 20:

— O senhor é Deus?

A resposta ao questionamento da enunciativa vem de forma ríspida, mas desconstrói a expectativa que ela estava criando e ao mesmo tempo garante o riso, com a explicação estapafúrdia que expõe mais uma vez a inteligência da loira.

Exemplo 21:

—Não, sua anta!!! Eu sou o gerente da pista de patinação.

Piada 10

É possível encontrarmos aspectos interessantes de polifonia em piadas. Vamos observar a piada 10, a qual envolve certa ambigüidade pelo enunciado proferido e que ao mesmo tempo nos remete a uma outra voz. O que a amiga fala à loira que a encontra na rua e lhe indaga sobre o que anda fazendo, nada tem de engraçado, mas a interpretação que a loira faz é que garante a piada e a ambigüidade citada:

Exemplo 22:

- Eu tô fazendo quimioterapia
- Ah, que legal! Na Estácio ou na Federal???

Há que se observar no enunciado do exemplo 22, a incongruência existente, por causa de uma má interpretação do enunciado, no caso por parte da enunciadora em relação à fala da sua amiga, coenunciadora. Para entendermos isso, verificamos que o enunciado 22 nos remete ao discurso estudantil, quando dizemos ou ouvimos dizer “eu tô fazendo química”, ou “ eu tô fazendo tal curso “, o que foi de imediato interpretado erroneamente pela loira. Outro ponto da questão é o verbo *fazer* que pode gerar essa ambigüidade, pois usa-se o verbo nos dois sentidos evidenciados na piada, que é fazer um tratamento de saúde e fazer um determinado curso. O conhecimento prévio ou conhecimento de mundo entraria em ação nesse caso, feito que a enunciadora deste desconhece, e portanto, reforça novamente o estereótipo de “loira burra”.

Agora daremos prosseguimento à nossa última proposta de análise do texto humorístico, gênero piada. Destacamos nesta etapa a **cena enunciativa** ou **cena de enunciação**, conforme trata Maingueneau, teórico que norteia esta pesquisa. Com base nas leituras feitas e no estudo que procuramos incorporar sobre a questão, percebemos que um determinado quadro de enunciação se manifesta de imediato através de sua *cenografia*, no

intuito de conquistar um coenunciador, deixando para segundo plano as outras duas cenas que compõem o quadro cênico, isto é, a cena *englobante* e a *cena genérica*.

O que caracteriza a cenografia e a diferencia das outras cenas, portanto, é que ela se instaura pelo próprio discurso e não pelo tipo ou gênero do discurso.

Com estas importantes considerações em mente, partiremos para a análise da piada 1, selecionada do arquivo das “loiras no bar” e intitulada “o ceguinho bêbado e as loiras”.

✓ **Cena Enunciativa**

• **Piada 1**

No referido texto, vemos, a princípio, tratar-se de discurso humorístico como cena englobante, pois nesse primeiro aspecto da cena de enunciação, temos uma piada, por todas as características que o texto apresenta, conforme já evidenciamos em outra seção deste trabalho. Paralelamente a essa noção de cena englobante, percebemos um cenário de confronto entre os discursos machista e feminista, uma vez que os interlocutores do texto se apresentam como, de um lado, um homem querendo desqualificar a mulher; ridicularizá-la em piadas e, do outro, uma mulher (loira) querendo persuadí-lo a não fazer isso, medindo forças com ele e querendo “dar o troco”, num vislumbre de embate dos sexos, onde cada um define suas posições. No entanto, a mulher procura demonstrar uma imagem de força para igualar-se ou até superar o homem, em consonância com os dias de hoje, em que o sexo feminino supera barreiras, quebra preconceitos e procura apagar a imagem que por muito tempo perdurou como sendo o “sexo frágil”.

A cena de enunciação que define o gênero do discurso, a cena genérica, apresenta-se como um homem que decide narrar uma piada para os freqüentadores de um local público. Para que a piada possa se configurar como tal, e possa promover a adesão de

um coenunciador, entra em ação a cenografia. Como vimos acima, temos um enunciador, na figura do ceguinho bêbado e uma mulher loira, coenunciadora, que o interpela antes de contar a piada. O ceguinho bêbado, a representação deste homem machista, traz toda a sua carga de preconceitos, machismo e costumes para uma topografia que lhe é bastante peculiar; vejamos que ele conta sua piada de mulher loira em um bar, o que por si só, já o legitima a fazer isso, pois, no imaginário coletivo, os homens são os principais freqüentadores de bares, onde geralmente, ficam horas a beber, a discutir política, futebol e contar piadas.

Outro elemento dessa cenografia é o fato dele estar bêbado, além de ser cego. A condição de bêbado justifica a topografia que se apresenta na piada; agora, a questão de ser cego (ceguinho) talvez carregue algum sentido metafórico, pois quem bebe muito e fica completamente bêbado parece não ver diante de si impedimentos, normas ou regras que o impeçam de falar o que quer e fazer o que não faria em outras circunstâncias.

Observamos também que a cenografia obedece a uma cronografia única, pois a ação se desenvolve num só tempo. Outra consideração que podemos fazer quanto à construção da cenografia é justamente o fato dela ajustar-se à mulher de hoje, a mulher moderna, que pratica esportes, sabe se defender, é empresária e assume funções que quebram com os estereótipos e preconceitos que a cercam.

- **Piada 2**

No segundo texto humorístico que elencamos para a análise, abordaremos os aspectos que forem mais pertinentes na construção da cena de enunciação. Novamente, a cena englobante do discurso humorístico na piada 2, se desdobra em outros caminhos, outras possibilidades advindas do discurso. Percebemos no texto uma metáfora

alusiva aos “contos de fada”, ou ao mundo da fantasia, pois o próprio enunciado remete a isso: “Havia um espelho mágico...” e ‘certo dia, três mulheres vieram...”

Mais uma vez, percebemos a força da cenografia, que ,de imediato se impõe e busca materializar-se, capturando o imaginário popular. Ela primeiro se apresenta como um desses contos ou histórias de fantasia tão bem conhecidas, já que, dificilmente, se encontre alguém que nunca tenha ouvido um antes. Essa é, portanto, uma das formas em que a piada 2 se manifesta, na pretensão de conquistar através de uma cena que a legitima.

Numa segunda percepção, a cenografia captura a atenção de um público feminino a mostrar três mulheres confrontando-se diante do espelho. No conto de fadas, o espelho é mágico e não admite mentiras; na realidade da piada,estabelece-se uma relação alusiva, pois o espelho reflete o que se é e não aquilo que se pensa que é ou pretende ser. Há também uma ligação forte entre a mulher e o espelho, já que de acordo com o imaginário corrente, a mulher sempre está se enfeitando, se ajustando ou simplesmente observando sua aparência diante do espelho.

Não identificamos uma topografia específica, apenas que os coenunciadores se encontram diante de um espelho. Quanto ao aspecto da cronografia, a piada 2 remete a um só tempo, fazendo-se passar pelos já citados contos de fada, que geralmente remetem a um passado. De fato, isso tudo apenas captura a imaginação do coenunciador, que se vê por vezes participante do próprio acontecimento.

- **Piada 3**

Encontramos em nossa próxima análise aspectos enunciativos semelhantes ao enfoque anterior. Embora possamos configurar a cena englobante da piada 3, denominadas três loiras náufragas, como discurso humorístico, percebemos que há uma sutileza nesse

texto que o torna quase incomum dentro do gênero piada. Ela segue as características de um relato, e assim como na piada anterior, remete ao mundo da fantasia, dos contos das mil e uma noites. Dessa forma, vai sendo delineada uma cenografia que busca convencer por meio da literatura popular. A piada alude à história de “Aladim e a lâmpada maravilhosa”, na qual ele encontra uma lâmpada que ao ser esfregada, liberta um gênio que prontifica-se a satisfazer os desejos de seu mestre. Novamente tem-se três mulheres loiras, característica esta que corresponde à construção da piada. Há, portanto, três pedidos, um atribuído a cada uma, correspondendo ao mesmo número nos contos desse gênero.

Podemos atribuir a cada mulher a condição de enunciador, enquanto o gênio ocupa o posto de coenunciador, para sustentar a cena que se configura. Na condição de naufragas, elas foram parar numa ilha, legitimando uma topografia que leva a um cenário imaginário, um local deserto, uma praia de areia branca, vegetação abundante, coqueiros, sombras, que repentinamente passam a ser habitado por três mulheres loiras. Enfim, percebemos que a cenografia captura, a princípio o imaginário masculino, já que estar numa ilha com mulheres loiras faz apelo às fantasias do gênero masculino. Por todas essas questões, consideramos que a cena é validada, pois as condições de apresentação da piada encontram eco no imaginário popular.

- **Piada 4**

A piada 4 também nos apresenta o discurso humorístico como cena englobante. A cena genérica apresenta-se como um diálogo entre uma cliente e um gerente de loja, correspondendo respectivamente aos papéis de enunciador e coenunciador. No entanto, é na cenografia que se desenvolve que encontraremos os elementos que irão trazer o coenunciador ao âmbito da piada, fazendo-o identificar com a situação, pois ir a uma loja de eletrodomésticos é uma das atividades mais comuns para o público em geral. No entanto,

há uma deferência especial ao público feminino, pois quem vai à loja no intuito de comprar um microondas é uma mulher loira. A cenografia que se configura volta-se portanto, à mulher moderna, pois numa época em que as mulheres trabalham tanto quanto os homens, elas reduzem mais o seu tempo de permanecer em casa e precisam preparar a comida com mais rapidez. Daí a necessidade de ter a tecnologia à sua disposição.

Outro elemento dessa cenografia, e que justamente apela ao público feminino é a atitude da loira em pintar o cabelo e ela o faz por duas vezes para obter o que tanto precisa.

Outro elemento, aliás, que confere legitimidade é a topografia, pois a cena se desenvolve na loja de eletrodomésticos, enquanto a cena também se desloca, provavelmente, ao cabeleireiro, já que a loira sai para pintar o cabelo; cabe aí uma sugestão de cenografia secundária. Depreendemos, a partir daí, a questão da cronografia. Resolvemos julgá-la em dois momentos, posto que o enunciador(cliente) vai à loja duas vezes para comprar um microondas após fazer duas pinturas no cabelo. Julgamos como já dissemos acima, que teria ido ao cabeleireiro, que é outro elemento de adesão ao universo feminino, o que confere também legitimidade ao discurso. Um aspecto bastante interessante de caráter textual na elaboração dessa cenografia foram as perguntas que a enunciadora (a cliente) fez ao chegar à loja, nas três vezes em que ela se dirigiu ao gerente: “ Quanto custa?” ; “ Qual é o preço...?” e “ Eu gostaria de comprar (...) qual é o preço?” . Vemos nessas abordagens textuais as necessidades do brasileiro de perguntar logo o preço dos itens quando no mercado de consumo, antes de qualquer outra característica. Isto é algo comum, do cotidiano, que através da piada em questão se configura para, da mesma forma, conferir legitimidade à enunciação.

Consideramos, assim, que a cenografia comporta cenas validadas, já que a contextualização, a fala e tudo que concorre para formação dessa cenografia formam modelos já instalados e aceitos na memória coletiva.

- **Piada 5**

Estamos estudando o discurso humorístico sob forma de piada, tendo como foco a mulher loira. Nesta etapa, estamos especificamente estudando a cena enunciativa que se configura nesse tipo de texto e, de acordo com os textos que elencamos, vemos a mulher trafegar por diversas situações nos muitos “universos” conforme já mencionamos anteriormente. Neste próximo, que destacamos como “a loira no avião”, tem-se como cena englobante, não somente o discurso de humor, mas também há uma relação interdiscursiva com as classes sociais, pois trata-se de um ambiente em que as divisões de classe denotam ou podem denotar o padrão aquisitivo de cada um. Observamos que, de início, a loira que está na primeira classe é convidada a se transferir para a classe econômica, o que pode gerar um certo desconforto, quando não, configurar uma situação vista como discriminatória. A questão da cena genérica evidencia os papéis que desenvolvem as comissárias de bordo ou a tripulação do avião e seus passageiros, verificando as irregularidades e procurando solucioná-las, dentro do que se espera ser o desempenho de funções a bordo de uma aeronave, na qual se inclui também a postura do passageiro em seguir todos os comandos. Já sabemos que a cenografia que se mostra primeiro, jogando o quadro cênico para o segundo plano. Pois conta-se, então, uma piada de mulher loira, centrando-a nessa cenografia como enunciativa e passageira, enquanto alguns membros da tripulação são coenunciadores. O texto apresenta uma topografia única, pois a cena se desenvolve num avião, durante um voo para Nova York e a cronografia não apresenta variação de tempo, pois a cenografia capta um único momento, o presente, em que transcorre a ação das cenas.

Consideramos que a cenografia da piada 5 é melhor absorvida por parte dos que já tem conhecimento da terminologia que envolve uma viagem de avião. Assim, termos como comissários, cabine de comando, co-piloto, primeira classe e classe econômica são termos vagos e mal conhecidos por um público que representa a maioria dos trabalhadores assalariados que, na sua maioria, ainda não se familiarizou com viagens desse tipo.

- **Piada 6**

Nossa próxima incursão na análise de piadas destaca a loira no “universo do trabalho”. Além da cena englobante peculiar, que caracteriza o texto como discurso humorístico, há também a formação de cenário trabalhista no qual a relação patrão X empregado se desenvolve nos moldes do que seria o estereótipo no qual o chefe dá uma ordem e cabe ao empregado obedecer, atestando a formação de uma cena genérica inserida nesse universo, em que cohabitam patrão e empregado. Detectamos na piada 6, dois tipos de cenografias, apresentando dois tipos de cronografias distintas também. Vejamos a primeira, em forma de discurso indireto:

Muito gostosona, a loira foi contratada como secretária, mais por seus dotes físicos do que pela sua experiência.

No enunciado acima, vislumbramos uma cenografia secundária, uma menção ao fato passado, já que a loira em questão foi contratada em algum momento para exercer um cargo, o que serve de referencial para conduzir o texto. Na próxima enunciação, também em discurso indireto, temos: No primeiro dia o chefe lhe dá uma ordem e ela tenta fazer o que ele pediu. Liga para o almoxarifado da empresa e pergunta (...)

Temos neste enunciado a cenografia principal e que estabelece o texto uma cenografia presente. Os interlocutores são apresentados como o chefe e a secretária, uma

loira de dotes físicos notáveis, realçando que esta é uma das características atribuídas a essa mulher em piadas. A ação desenvolvida no escritório de uma empresa marca uma topografia que por vezes se repete em diversas piadas, pois a atmosfera de uma empresa, onde empregados são escolhidos muitas vezes “a dedo” pelo chefe, acaba sendo um local em que se gera um tipo de burburinho sobre alguém ser o ou a preferida do chefe e ainda há aqueles que sempre recebem elogios ou mais atenção do chefe, etc. Consideramos a cena como validada, pois o cotidiano de uma empresa ou de um escritório reside bem na memória coletiva de milhares de pessoas que lembram ou de seu primeiro emprego ou de algum período de suas vidas quando tiveram que começar “de baixo”, entendendo bem o mecanismo que faz funcionar a engrenagem do trabalho.

- **Piada 7**

Essa próxima piada reitera a cena enunciativa de que tratamos no texto anterior, pois também pertence ao universo do trabalho e apresenta cenas que se repetem. Verificamos que, neste cenário trabalhista, concorrem os mesmos elementos para validar a enunciação. Tem-se um chefe e uma nova contratada, uma loira que também havia sido indicada por um alto escalão da empresa, o que reitera não só o ambiente hierárquico, mas também a questão da indicação ou influência para favorecer alguém, geralmente por um objetivo que vai além dos objetivos profissionais. Novamente a cenografia constrói um estereótipo dessa funcionária, que aqui é designada como “prendada” na sua minuciosa descrição:

Ao encontrar a moça, ele fica assustado. É uma loira estonteante, siliconada, corpo escultural, olhos verdes, bronzeada... Ou seja, toda prendada! Refeito do susto e começando a dar as instruções, ele fala (...).

O enunciado acima reforça a idéia, também presente no imaginário coletivo, de que o ambiente de trabalho é também o ambiente de paquera, de conquistas, de investidas

sexuais, geralmente submetendo os dois coenunciadores existentes: o chefe e a secretária. Mesmo que isso não esteja configurado no texto vai além dele, sugerindo possíveis interesses existentes, de ordem muito pessoal. Nessa mesma topografia, a cena vai sendo validada pelo próprio texto, vai se construindo nele, como se fosse um molde da própria realidade. Notamos a simplificação dos elementos que compõem essa cenografia, tornando-os reconhecíveis. No texto anterior, era uma circular, com a qual a funcionária teria que lidar ; neste , é uma fatura e uma duplicata , elementos básicos no ambiente de uma empresa e que aqui são postos no intuito de testar a inteligência da loira. O fato de a loira responder que “fatura é o que acontece quando a gente quebra uma perna e duplicata é quando quebra as duas...” remete ao baixo de grau de escolaridade de uma grande parcela da população, que dentro desse tom de crítica, pronuncia mal as palavras, além de não discernir bem o significado delas. O fato da loira mencionar “ a gente faz um convite ao coenunciador, que nos identifiquemos e sejamos participantes desse quadro enunciativo.

- **Piada 8**

Adentramos no próximo texto, o que denominamos de “ universo do esporte” , através da piada de loiras que selecionamos para este estudo. Temos, portanto, na noção de cena englobante não somente o discurso humorístico, mas o cenário esportivo, um dos mais populares no cenário brasileiro, que “mexe” muito com a emoção do povo, que vez por outra, vê com orgulho seu país se destacar de forma positiva no cenário internacional. A cena genérica se configura com um torneio de basquete entre dois times, um de loiras e outro de morenas.

A cenografia vai se configurando no confronto entre os dois interlocutores dessas piadas: as loiras e as morenas. A cenografia se constrói sob esse embate proposto, que na verdade não é jogo de basquete entre dois times adversários, mas o embate

intelectual proposto por esses dois tipos do universo feminino, numa forma de testar a inteligência da mulher loira, principal motivo de riso nessas piadas:

Dois times de basquete, um de mulheres morenas e outro de loiras, contrataram um ônibus de excursão de três andares para um torneio em outra cidade. O time das morenas no andar de baixo e o das loiras no andar de cima.

O ônibus que leva os dois times forma uma topografia que ao mesmo tempo congrega e divide enunciadores e coenunciadores, numa alusão ao campo de futebol, ou à quadra de basquete em que todos tem que tomar suas posições para dar início ao jogo. Dessa forma, a cenografia agrega valores conhecidos no imaginário popular, pois viajar de ônibus para disputar torneios e todo aquele clima de expectativa por um embate iminente, as brincadeiras, as provocações, o sambinha cantado coletivamente são, ao menos aludidos no texto como constatamos nos fragmentos a seguir:

“O time das morenas no andar de baixo e o das loiras no andar de cima”.

“As morenas no andar de baixo viajaram fazendo a maior bagunça”(…)

Verificamos entre os elementos de adesão propostos a essa cenografia, a questão do espectador, quando está diante de um jogo, no final de campeonato, por exemplo, em que atenção e ansiedade são dominantes. Vejamos abaixo como esses elementos são sugeridos na piada e recuperam todo esse clima mencionado acima:

Quando a morena chegou no andar de cima, ela viu que todas as loiras estavam apavoradas de medo, segurando fortemente os braços de suas poltronas e todas olhando para frente.

Não é dessa maneira que ficam muitos torcedores em frente à TV , quando estão torcendo ou sofrendo pelo seu time do coração?

A proposta do embate intelectual ao qual mencionamos e que cria toda essa encenação de jogo finalmente se concretiza quando uma das morenas resolve ir ao andar de cima:

— *O que está acontecendo aqui?*

Nós estamos tendo uma grande festa lá embaixo!

Uma das loiras se vira e responde:

— *É mais vocês tem motorista!*

Como vimos, a cena enunciativa foi construída de tal forma a mais uma vez evidenciar a falta de inteligência da mulher loira, transfigurada na falta do motorista, aquele que guia, que norteia, que conduz. Considerando a valorização do modelo empregado nessa cenografia, diríamos que a cena é validada e mais uma vez ela legítima e é legitimada pela enunciação.

- **Piada 9**

Consideramos o próximo texto como piada de loira no universo do trabalho, embora tratar-se de uma atividade não remunerada. Nesta a loira se dedica a uma nova atividade: a da pescaria no gelo. A primeira enunciação ocorre na forma de discurso indireto, estabelecendo uma topografia apropriada para que a enunciativa exerça sua atividade. A cena englobante do discurso humorístico aponta também para o cenário esportivo, pois pescar no gelo é equivalente a esportes como escalar montanha, fazer trilha ou mergulhar, pois são atividades às vezes competitivas que exigem conhecimento e uso de equipamentos; em muitos casos, o mérito é pessoal, pelo puro prazer da aventura.

A cenografia apresenta a loira enunciadora , e uma voz “misteriosa”, coenunciadora desta, que identificamos como voz masculina e que se manifesta do alto e com profunda sonoridade. A origem ou a identificação dessa voz vai gerar o riso e esclarecer o clima de mistério em que a enunciadora se via envolvida. Percebemos na manifestação desse coenunciador, que se manifesta como uma voz do alto, uma cenografia construída de alusões, por exemplo, à religiosidade, pois os personagens bíblicos como Moisés ouviam vozes vindas do alto as quais eram atribuídas a Deus, da mesma forma em que a enunciadora remete a essa questão ao se pronunciar , após diversas interpelações da voz “misteriosa”:

—NÃO HÁ NENHUM PEIXE DEBAIXO DESSE GELO (...)

Ela parou , olhou para cima e disse:

— O senhor é Deus? (...)

Outra alusão a essa cenografia encontramos no fragmento:

(...) No gelo, despejou o chá da sua garrafa térmica e começou a cortar outro buraco no gelo. De novo, dos céus , a voz baixou (...)

Não queremos afirmar como já dissemos antes, uma crítica a religiosidade. Não encontramos evidência disso no texto. O que notamos é apenas a possibilidade de cenografias diferenciadas que podem surgir através do discurso. A desqualificação da loira, ressaltando a sua falta de inteligência, ainda é o foco desse tipo de discurso humorístico:

NÃO, SUA ANTA !!! EU SOU O GERENTE DA PISTA DE PATINAÇÃO!!!

- **Piada 10**

Neste último texto humorístico do nosso estudo vimos tratar-se de uma piada que se diferencia das outras pelo seu humor negro. A cena de enunciação deixa para a Cenografia todo o impacto, pois ela apresenta-se inicialmente como um encontro entre duas amigas, levando para uma topografia cotidiana, mas que deixa inferir que enunciadora e coenunciadora se encontram por acaso. Também não faz menção a uma cronografia secundária, portanto, consideramos a principal como um momento qualquer do hoje, que pode ser qualquer instante. Trava-se entre as duas interlocutoras uma conversa banal, rotineira que faz alusão à conversa entre duas mulheres, sobre cabelo, aparência, etc. mas que legitima uma enunciação voltada para o público feminino que certamente se reconhece na construção dessa cena. A ambigüidade gerada pela compreensão errônea da enunciadora, coloca as duas mulheres em pontos de vistas diferentes: uma acha que tudo está bem e por isso mesmo tece elogios, enquanto a outra não consegue expressar o porque do seu “novo” visual, que, evidentemente, está em tratamento de saúde. Por isso seu tom é bastante solene.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo um pouco sobre a idéia de analisar piadas pareceu-nos, a princípio, um tanto desafiador, já que estamos acostumados a ver textos de diferentes gêneros, como poemas, textos literários ou jurídicos sendo analisados, ou seja, textos que muitas vezes não “provocam” nossos sentimentos, ideologias e posicionamentos. A piada é um gênero textual de caráter popular, e de um vasto alcance e trânsito em diversas camadas, independentemente do nível social e da escolaridade. Tanto quem tem pouca instrução formal e que exerce trabalhos operacionais, quanto quem, com sua instrução, trabalha na esfera intelectual, são capazes de reconhecer uma piada e produzir o mesmo efeito, que é rir, quando submetidos à enunciação desse tipo de texto. Isso, entretanto, não implica haver uma escala de valores no que tange à capacidade de interpretar, ler ou absorver esses textos e a sua formação como leitor.

Outro ponto muito interessante e que determinou nossa inclinação para a escolha de um *corpus* de piadas foi por estas lidarem com uma diversidade de assuntos ou temas que surpreendem, pois parece não haver limites ou sinalizações como “não, isto não pode virar piada”. Dessa forma, ao escolher piadas, tínhamos um campo promissor e, de certa forma, com pontos ainda a explorar no seu universo de temas, alguns dos quais de tão delicados, não seriam facilmente tratados de outra forma.

Por isso, nossa proposta, desde o princípio, foi a de fazer um estudo de piadas sobre a mulher e, por critérios de delimitação, para não cairmos numa generalização, focamos o olhar para a mulher loira, alvo de um discurso machista que insiste em representar essa mulher sob estereótipos que a desqualificam como ser burra e objeto sexual.

Nesse sentido, trouxemos para a análise dessas representações a polifonia e a cena enunciativa, para evidenciar como tais categorias concorrem para a manutenção dos

estereótipos veiculados nesse tipo de piada. Consideramos, ao longo desta pesquisa, que as piadas de mulher, assim como as de homossexuais, negros e etnias pertencem ao que se poderia chamar de temas “controversos” e que, por essa natureza, serviriam para veicular um discurso subterrâneo, que somente pela via humorística promoveria adesões, sem atribuir a enunciação a este ou aquele interlocutor.

Os interlocutores ou coenunciadores desempenham um papel importante nessas piadas, no sentido de que representam a todos nós, configurando um *eu* e um *tu*, referenciados por nossas profissões, posições sociais e papéis que desempenhamos na sociedade e na família. Por isso mesmo, elencamos a *cena enunciativa* como uma ferramenta de análise. Sabemos que é pela *cenografia* que o texto tenta conquistar, “capturar” a atenção e promover a adesão do coenunciador. O leitor/ouvinte da piada sente-se envolvido de tal forma pelo cenário que nela se cria que torna-se parte integrante dela, pois dificilmente ficará indiferente. Conforme constatamos, as piadas de mulher loira, em particular, servem de veículo para um discurso machista, cujo propósito vai além do próprio riso, já que forma-se um quadro dessa mulher que reconhece sua beleza como objeto de sedução mas menospreza sua inteligência, quesito que a torna inferior ao sexo masculino nessas piadas e alimenta o repertório das representações.

Encontramos, em algumas piadas que analisamos e que estavam separadas por lugares enunciativos, o quanto a presença do universo masculino se faz sentir com o objetivo de ridicularizá-la ou promover uma competição, na qual o gênero masculino apresenta-se como referência de sensatez, equilíbrio e, sobretudo inteligência. Sendo este um dos principais aspectos que desqualificam a mulher nas piadas, é, do lado oposto, um atributo que os homens tem de sobra, o que concorre para a hegemonia do papel masculino nessas piadas. Isso, inferimos, deve-se a uma postura machista, que ainda não conseguiu “digerir” as mudanças nos papéis sociais, antes bem definidos, entre outros avanços conquistados pela mulher ao longo dos anos.

Constatamos que a representação dessa mulher nas piadas ancora-se em uma cenografia que constrói uma imagem de modernidade, de atualidade, levando a topografias que visam a provocar uma rápida identificação com o universo do leitor/ouvinte, como o bar, a praia, o avião, o escritório, a empresa, a loja, o shopping, etc. Com um número reduzido, porém significativo, encontramos piadas cuja cenografia aponta para universos fantasiosos, provenientes do mundo das fábulas, dos contos, que remetem à imaginação. As piadas apelam, então, ao conhecimento de mundo ou ao conhecimento partilhado, contido no imaginário coletivo.

As piadas de mulher e suas representações apontam também para um espaço interdiscursivo, pois percebemos, ao longo de nossa análise, que as piadas abordam temas e discursos que se reiteram diversas vezes e que correm paralelamente ao discurso machista nelas impresso. A voz patronal, o discurso de classes sociais, o discurso dos “excluídos”, ou “discriminados” socialmente, como o ceguinho, o bêbado, etc. se fazem presentes e se inserem no “ritual” que segue a piada, que é fazer rir de nossas próprias idiossincrasias, rótulos e posturas diante das questões sociais que nos cercam. Dessa forma, entendemos que as piadas cumprem o papel de atenuadoras das tensões da vida moderna, além de estarem enraizadas na cultura popular, carregando os valores de um povo, como o brasileiro, tão afeito ao riso e ao humor .

Esta pesquisa nunca teve a pretensão de esgotar o assunto, por isso esperamos que ela tenha suprido alguns questionamentos e, ao mesmo tempo, suscitado dúvidas que indiquem rumos para a busca de novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. Trad. W.J.Evangelista e M.L. de Castro 6 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

AMARAL, N. F. **Um pouco de humor na análise do discurso**: Resgatando a Subjetividade Discursiva. Primeira Versão n.34 edufro (UFRO) Porto Velho, .2001.

AMOSSY, R. **Imagens de si no Discurso: A construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, 2004

BERGSON, H. **O Riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Trad.: Ivone Castilho Benedetti. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRANDÃO, H. **Introdução à Análise do Discurso**. São Paulo: Unicamp, 1995.

CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso** 2.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Trad. T.T. da Silva e G.L.Louro. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A., 1999.

HALL, S. **Representation - Cultural Representations and Signifying Practices**. Sage Pulications in Association with the open University..

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Os Termos- chave da Análise do Discurso**. Gradiva, 1069.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: Investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MUSSALIM, F. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2006.

ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2006.

POSSENTI, S. **Os Humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

RIBEIRO, M. Feminismo, machismo e música popular brasileira. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. v.5 Universidade Unigranrio, 2006.

Disponível no endereço eletrônico: WWW.piadasonline.com.br

ANEXO A - Subcorpus**Piada 1:**

Um ceguinho bêbado, sem saber, entra em um bar só de mulheres. Senta-se no balcão e pede uma bebida para o barman.

Toma logo a bebida e, depois de um tempo, mais bêbado ainda, o ceguinho grita:

— Quem quer ouvir uma piada de loiras burras?!

Uma das mulheres sentadas ao lado dele diz:

— Devo te avisar cinco coisas antes que você conte essa sua piada:

1. Eu sou uma loira de 1,75 e 90kg e pratico halterofilismo;
2. O garçom é uma mulher loira;
3. O dono do bar é uma mulher loira;
4. Aí, do seu outro lado, tem uma loira professora de artes marciais;
5. E a mulher aqui do meu lado é uma loira policial.

—Você ainda está querendo contar a sua piada de loira?!

O ceguinho bêbado pensa um pouquinho e responde:

— Assim eu desisto! Se eu tiver que explicar a piada cinco vezes vai ser um saco!

Havia um espelho mágico cuja característica especial era fazer desaparecer qualquer pessoa que dissesse uma mentira na sua frente. Certo dia, três mulheres vieram se consultar com ele: uma morena, uma ruiva e uma loira. A morena olha o espelho e diz:

— Eu penso que sou a mais linda mulher do mundo. Puff! E a morena sumiu.

A ruiva, por sua vez, pára na frente do espelho e diz:

— Eu penso que sou a mulher mais inteligente... puff! A ruiva desapareceu.

A loira vai então para frente do espelho e sem pestanejar diz:

Piada 3:

Após um naufrágio, três loiras foram parar numa ilha. Desesperadas, começaram a caminhar pela praia quando, sem querer, uma delas chutou um pequeno objeto. Assustaram-se, mas se agacharam para ver do que se tratava. Era uma pequena lâmpada antiga, que passaram a esfregar para tirar a areia. Eis então que surgiu um gênio:

— Vocês me libertaram e, por isso, vou conceder um pedido a cada uma, disse o gênio.

— Quero ser ruiva “-disse a primeira loira.

O gênio atendeu. Ela então, ao deixar de ser loira, ganhou a capacidade de pensar. Olhou em volta e viu que havia material para fazer uma canoa. Construiu a embarcação e foi embora da ilha, com muito esforço, remando contra a maré.

— Quero ser morena, pediu a segunda.

O gênio então a transformou e, com sua nova condição, atirou-se ao mar para ver se, dessa vez, conseguia aprender a nadar. Conseguiu e, com muito sacrifício, pode deixar a ilha, dando suas braçadas contra a maré.

A terceira então pediu:

— Quero que me transforme num homem

O gênio assim o fez. Ele então saiu andando pela ponte que ligava a ilha ao continente.

Piada 4:

Uma loira foi à loja de eletrodomésticos e falou:

Quanto custa aquele microondas?

E o gerente disse: não vendemos microondas para loiras.

Então ela pintou o cabelo de ruivo e voltou àquela loja:

— Qual é o preço do microondas?

— Não vendemos microondas para loiras, responde o gerente.

Ela tenta uma nova tática. Pinta o cabelo de negro e vai novamente à loja:

— Eu gostaria de comprar aquele microondas. Qual é o preço?

— Não vendemos microondas para loiras, é a resposta do gerente.

— Como você sabe que sou loira?

— É que isto não é um microondas, é um aparelho de televisão

Piada 5:

Em um avião indo para Nova York, a comissária se dirige a uma loira sentada na divisão reservada para a primeira classe e pede para que ela se mude para a classe econômica, pois ela não tinha a passagem para a primeira classe. A loira replicou dizendo:

— Eu sou loira, eu sou bonita, estou indo para Nova York e eu não vou sair.

Não querendo argumentar com a passageira, a comissária pede para o co-piloto para falar com ela. Ele foi falar com a mulher pedindo que ela fizesse a gentileza de sair da primeira classe.

Novamente, a loira respondeu:
—Eu sou loira, eu sou bonita, estou indo para Nova York e eu não vou sair.

O co-piloto voltou para a cabine de comando e perguntou para o piloto o que ele deveria fazer. O piloto disse:

—Eu sou casado com uma loira e sei como lidar com isso.

Ele foi para a primeira classe e sussurrou no ouvido da loira... Ela imediatamente pulou da cadeira e correu para o setor econômico resmungando para si:

— Por que ninguém me disse antes?

Surpreso, a comissária e o co-piloto perguntaram o que ele havia dito para a loira que a convenceu a sair. Ele disse:

— Eu disse a ela que a primeira classe não estava indo para Nova York!

Piada 6:

Muito gostosona, a loira foi contratada como secretária, mais por seus dotes físicos do que pela experiência. No primeiro dia o chefe lhe dá uma ordem e ela tenta fazer o que ele pediu.

Liga para o almoxarifado da empresa e pergunta:

Você tem envelope redondo? -Envelope redondo?-Sim! O chefe pediu para eu enviar uma circular!

Piada 7:

O chefe do escritório de contabilidade vai falar com a nova contratada, ela tinha sido indicada por um alto diretor da empresa, como sendo muito “prendada”.

Ao encontrar a moça ele até fica assustado. É uma loira estonteante, siliconada, corpo escultural, olhos verdes, bronzada... ou seja, toda prendada! Refeito do susto e começando a dar as instruções, ele fala:

-Suponho que a senhorita saiba o que é fatura e o que é duplicata. Estou certo?

E ela responde:

-Mas é claro que sei. Fatura é o que acontece quando a gente quebra uma perna e duplicata é quando quebra as duas...

Piada 8:

Dois times de basquete, um de mulheres morenas e outro de loiras, contrataram um ônibus de excursão de dois andares para um torneio em outra cidade.

O time das morenas no andar de baixo e o das loiras no andar de cima. As morenas no andar de baixo viajaram fazendo a maior bagunça, até que uma delas notou que o andar de cima estava muito quieto e uma foi investigar o que esta acontecendo. Quando a morena chegou no andar de cima, ela viu que todas as loiras estavam apavoradas de medo, segurando fortemente os braços de suas poltronas e todas olhando para frente.

A morena perguntou:— O que esta acontecendo aqui? Nós estamos tendo uma grande festa lá embaixo!Uma das loiras se vira e responde:— É, mas vocês têm motorista!

Piada 9:

Uma loira decidiu ir pescar no gelo, depois de ler muitos livros e artigos sobre o assunto. Checando sua lista, ela prepara todas as ferramentas necessárias. Ao chegar ao local, nossa jovem amiga encontra uma pequena área que lhe parece promissora. Posiciona suas ferramentas e começa a fazer um corte circular no gelo e, de repente, do alto, vem uma voz tonitruante:

- NÃO HÁ PEIXE EMBAIXO DESSE GELO!! Atônita, a loira moveu-se mais para a frente, no gelo, despejou chá da sua garrafa térmica e começou a cortar outro buraco no gelo. De novo, dos céus, a voz baixou:

- NÃO HÁ NENHUM PEIXE DEBAIXO DESSE GELO!!

A loira, agora bastante preocupada, mudou-se para a outra ponta do gelo.

Preparou seu equipamento e tentou ainda mais uma vez cortar o buraco. A voz se repetiu:

- NÃO HÁ NENHUM PEIXE EMBAIXO DESSE GELO!!! EU JÁ FALEI!!!!

Ela parou, olhou para cima e disse: - O senhor é Deus? A voz respondeu:

NÃO, SUA ANTA!!!! EU SOU O GERENTE DA PISTA DE PATINAÇÃO!!! !!!

Piada 10:

Uma loira encontra uma amiga que não via há muito tempo e vai logo dizendo:

- Menina, como você está diferente! Cortou o cabelo... Ta moderna...

- É..

- Ta mais magra... Bonita...

É...

- Então, me conta o que você anda fazendo da vida?

- Eu tô fazendo quimioterapia.

- Ah que legal! Na Estácio ou na Federal??

Piada 11**A loira no mercado de consumo**

Uma loira entra numa loja de cortinas e diz para o empregado:- Por favor, eu queria umas cortinas para o monitor do meu computador!O empregado, espantado, diz:- Mas, minha senhora, os monitores não necessitam de cortinas.Diz a loira, com ar de espertalhona:

- Helloooooooooooooooooo?!?!?!..... Eu tenho o Windows!!!!!!

Piada 12**A Loira sabe fazer contas!**

Uma loira entrou numa livraria e foi direto à seção de livros de auto-ajuda e logo encontrou um livro com um título que lhe agradou muito:

- "Resolva todos os seus problemas" era o título do livro.

Como ainda estava em dúvida, procurou o balconista:

- Por favor, moço, este livro resolve mesmo todos os meus problemas?

- Todos eu acho que não. Digamos que ele resolva metade dos seus problemas.

- Bom, se é assim, eu vou levar dois!

Piada 13**Confissões de uma ex-adolescente**

A loira no confessionário:

— Padre, na semana passada eu cometi um pecado muito grave. Assim que sai da casa do meu noivo, encontrei um ex-colega de faculdade e depois de algum tempo conversando, acabamos na cama... Sabe, seu padre, eu sou tão volátil...

— Volúvel, minha filha.

— no dia seguinte, assim que sai da casa do meu noivo, encontrei um outro amigo, com quem havia trabalhado há alguns anos e depois de algum tempo conversando, acabamos na cama... è que sou tão volátil...

— Volúvel, minha filha, volúvel.

— E ontem, seu padre, eu ia saindo da casa do meu noivo, aí um cara bem bonitão me ofereceu carona, eu topei e depois de algum tempo conversando, ele acabou me levando para um motel. Eu sou tão vo... como é mesmo a palavra, seu padre?

— Puta, minha filha, puta!

Piada 14**Loira na loja de calçados**

A loira chegou na loja de calçados e pediu pro vendedor trazer todos os modelos n.º 36.

Depois de 2 horas experimentando os sapatos a loira agradece e estava indo embora, quando o vendedor muito bravo pergunta:

- Porque você experimentou todos os sapatos da loja e não vai levar nenhum?

Ela respondeu:

-Ué, está escrito lá fora, ENTRE e CONFIRA

Piada 15**Loira assassina**

Uma loira está preocupada, pois acha que seu marido está tendo um caso. Vai até uma loja de armas e compra um revólver. No dia seguinte, ela volta para casa e encontra seu marido na cama, com uma ruiva espetacular. Ela aponta a arma para a própria cabeça. O marido pula da cama, implora e suplica para que ela não se mate. Aos berros, a loira responde:

- Cale a boca, cretino ..Você é o próximo!

Piada 16***A Loira Advogada***

Após seu longo curso de advocacia, a loira abre seu escritório e no primeiro dia de serviço, alguém bate na porta. Para marcar aquela presença, pega o telefone e pede para a pessoa entrar e esperar.

Fica uns 30 minutos fingindo uma conversa:

Sim, claro! Eu não perco uma causa! Esta está muito fácil....

Com certeza, no próximo julgamento o juiz nos dará sentença favorável e venceremos!!! (e assim ficou enrolando) Quando desligou, após aquela "longa conversa", toda educada pergunta:- Pois não, cavalheiro, em que posso ajudá-lo? O homem respondeu :

- Sou da Telefônica, vim instalar sua linha.

Piada 17**Outra da Loira Advogada**

A loira se formou advogada (sabe Deus como????), mas está com uma porção de dúvidas. Então resolveu formular um questionário para a OAB.... (tadinha)

01. Qual a capital do estado civil?
02. Dizer que gato preto dá azar é preconceito racial?
03. Com a nova Lei Ambiental, afogar o ganso passou a ser crime?
04. Pessoas de má fé são aquelas que não acreditam em Deus?
05. Quem é canhoto pode prestar vestibular para Direito?
06. Levar a secretária eletrônica para a cama é assédio sexual?
07. Quantos quilos por dia emagrece um casal que optou pelo regime parcial?
08. Tem algum direito a mulher em trabalho de parto sem carteira assinada?
09. A gravidez da prostituta, no exercício de suas funções profissionais, caracteriza acidente de trabalho?
10. Seria patrocínio o assassinato de um patrão?
11. Cabe relaxamento de prisão nos casos de prisão de ventre?
12. A marcha processual tem câmbio manual ou automático?
13. Provocar o Judiciário é xingar o juiz?
14. Se um motel funciona somente das 8 as 18 horas, podemos dizer que ali só ocorrem transações comerciais?
15. Para tiro à queima-roupa é preciso que a vítima esteja vestida?

Piada 18**Garrafa Térmica**

Uma loira entra numa loja e vê uma coisa brilhante.

O que é isso? - pergunta ela.

Uma garrafa térmica - responde o vendedor.- E o que ela faz? - pergunta ela.O vendedor explica:- Ela mantém frias as coisas frias e quentes as coisas quentes.A loira compra a garrafa térmica. No dia seguinte ela a leva para o trabalho. Seu chefe, estranhando esse objeto brilhante, pergunta o que é.

- Uma garrafa térmica - responde ela.- E o que faz? - pergunta o chefe- Mantém quentes as coisas quentes e frias as coisas frias - responde a loira. O chefe pergunta:

- E o que tem dentro?A loira, satisfeita, diz

- Duas xícaras de café e um suco gelado.

Piada 19**O turista brasileiro**

O brasileiro vai de férias com a família para os States e em dado momento de sua viagem, aluga um carro para conhecer algumas pequenas cidades no interior do Arizona.

Ao ver-se perdido em uma das estradas, ele pára numa lanchonete para pedir informações.

- Pois não? - diz a loira peituda que vem atendê-lo.

- Antes de fazermos nosso pedido, você poderia nos dizer onde estamos?... bem devagar, por favor!

E a loira:

- Buuuurrrgeeeerrr Kiiiiinnng!

Piada 20**As investigadoras**

Eram três loiras fazendo teste para se tornarem investigadoras.

O policial chamou a primeira, mostrou-lhe uma foto de um rapaz de perfil durante uns quinze segundos e depois perguntou:

- Qual a característica mais marcante deste sujeito?
- Ele só tem um olho - respondeu ela.

Tentando esconder seu espanto pela burrice da moça, chamou a segunda, mostrou-lhe a mesma foto e fez a mesma pergunta.

- Ele só tem uma orelha - respondeu ela.

O policial balançou a cabeça, chamou a terceira moça, mostrou-lhe a foto e fez a mesma pergunta.

- Ele usa lentes de contato!
- Perfeito! Como foi que a senhora descobriu?
- Foi fácil! Se o cara só tem um olho e uma orelha, como é que ele iria usar óculos?

Piada 21**Loira manobrista**

A Loira arrumou um emprego de manobrista num restaurante. Logo, chega o primeiro cliente para retirar o carro, que diz :

- O Celta preto.

A Loira responde:

- Tá sim... e acho que vai chover!

Piada 22**Loira empregada**

Um senhor decidiu contratar uma loira para ser sua empregada. Então contratou a loira, no seu primeiro dia de trabalho o patrão disse:- Empregada traga-me um refrigerante!!!A loira pergunta:- De qual senhor?- De coca!!!

Passou-se 1 hora, a loira chega morta de cansada, então o patrão pergunta:

- E ai cadê o refrigerante de coca que eu pedi?A loira responde:

- Senhor!! Achei muito refrigerante em pé e deitado mas de coca não achei nenhum!!!

Piada 23***A Loira e a Batida***

Uma loira estava andando de carro, quando outro veículo bateu no carro dela.

Ela ficou louca da vida, muito nervosa.

Aí o cara que bateu, vendo que ela era loira, disse:

- Olha, não precisa ficar nervosa. Basta você soprar forte no escapamento que vai desamassar a lataria!!!

O cara falou isso e foi embora.

Aí chegou outra loira, viu a amiga soprando o escapamento e perguntou:

-O que é que você está fazendo?

-Estou soprando o escapamento pra desamassar a lataria!

A outra começou a rir da cara dela.

-Do que é que você está rindo??", pergunta indignada.

-É que o vidro está aberto, não vai desamassar nunca.

Piada 24**Loira e o seu carro**

A loira chega com seu carro 0 km numa loja de acessórios para carro e diz ao balconista:

- Tem para raios ?

O balconista assustado pergunta:

- Para que para raios?

A loira como sempre responde:

- Alooooo!!! vc nunca ouviu falar de sequestro relâmpago!!!

Piada 25**Blitz na Loira**

Numa blitz, o guarda pára a loira deliciosa e pede os documentos.

— Que documentos? — pergunta ela, com ar inocente.

— A sua Carteira de Habilitação!

— Carteira de Habilitação? O que é isso?

O guarda já começa a ficar impaciente.

— Pode me dar a sua Identidade?

— Identidade? Eu também não sei o que é isso!

Inconformado com a burrice da garota e exaltado com as curvas abundantes, o guarda tira o pau para fora e pergunta:

— E isso daqui, você sabe o que é?

— Ah! Não! O bafômetro de novo!

Piada 26**Loira idiota**

Teve uma vez que uma loira estava saindo de uma festa altas horas da madrugada naquela maior chuva... Ficou estendendo a mão toda hora que passava um carro, mais nada dos carros pararem.

Estava vindo um carro bem lento e a loira disse:

- Vou nesse aqui mesmo!!!

Quando ela entrou no carro, viu que não tinha ninguém do lado do passageiro, mais o carro estava andando. Ficou aterrorizada, Quando de repente entra uma mão dentro do carro e começa a mexer o volante. Passando em frente de uma lanchonete, A Loira sai do carro mais que depressa e entra na lanchonete. De repente aparece dois caras e falam:

- Olha a loira descarada, que entrou em nosso carro, em quanto agente estávamos empurrando...

A Loira e o Caminhoneiro

Lá está a loira, com seu Audi novinho, dirigindo na Via Dutra a toda velocidade, quando, sem perceber dá uma fechada absurda num caminhão. O motorista do caminhão faz sinal para que ela pare o carro.

Quando eles param, o cara sai do caminhão, pega um pedaço de giz do bolso, desenha um círculo na estrada e diz:

— Fique dentro do círculo e **NÃO SE MEXA!**

Então ele vai até o carro dela, tira o som e corta todo o estofado de couro. Quando ele se vira para a mulher, repara que ela tem um discreto sorriso no rosto.

— Ah! Você acha isso engraçado? Então olha só o que eu faço!

O cara pega um taco de beisebol e quebra todos os vidros do esportivo.

Então ele se vira e ela está se segurando para não rir. O cara fica louco. Pega o canivete e fura todos os pneus do carro dela.

A loira não consegue mais se controlar e solta uma sonora risada. O caminhoneiro então perde o controle, vai até o caminhão, pega uma lata com gasolina, joga tudo no carro e põe fogo.

Então a loura começa a gargalhar, quase se mija de rir.

— O que pode ser tão engraçado assim, hein?! HEIN? — pergunta o cara, furioso.

A loira responde:

— Enquanto você não estava olhando eu saí do círculo 4 vezes!!!

Piada 28**As Loiras No Trânsito**

A loira esta dentro do carro quando derrepente ,uma outra loira policial a para
E pergunta:

-Sua identidade por favor!

A loira Por sua vez responde:

-Não sei o que é identidade não!

A loira policial responde:

-Deixe de ser burra identidade é quilo quadrado com sua foto no meio.

- Aaaaa sei um minuto...

Passando alguns minutos a loira retira da bolsa um espelho se olha e mostra a
policial a policial se olha e responde:

-Aaaa por que você não me falo que era policial também, pode passar

Piada 29***Nem sempre é o que você pensa***

Num fusca cor de rosa, uma loira ia pela estrada, dirigindo só Deus sabe como. Cheia de imprudência, ela ultrapassa um carro em uma curva. Um carro que vinha no sentido contrário freia bruscamente para não bater no fusquinha da loira, que havia invadido sua pista. Ao cruzar com o carro da loira, o motorista que freou põe a cabeça pra fora da janela e grita com toda força:

-ÉÉÉÉGUAAAA!!!!

A loira, que não era de levar desaforo pra casa, enfia a cabeça pra fora da janela, vira pra trás e grita:

-COOORRNNOOOOOOOO!!!!!!

Moral da história: Um fusca cor-de-rosa destruído, uma égua morta na estrada e uma loira no hospital.

Piada 30***Uma Loira com medo do destino***

Por uma calçada, iam duas loiras no maior papo. Então, de repente uma vira pra outra e diz:

-Olhe amiga ali tem mais uma casca de banana no chão, bem no seu caminho. - Oh, meu Deus! Será que vou me arrebentar no chão de novo

Piada 31**Mais uma piada de Loira**

Duas amigas se encontram.

-Olá, querida. Como vai? Não te via há tanto tempo. Onde é que você esteve?

-Ah, você não soube? Eu passei uma semana em coma.

-Mesmo? Que bom! Você é que sabe viver, viajar. Faz mais de um ano que meu marido não me leva a lugar algum.

Piada 32**Uma loira na escada rolante**

Uma loira diz para a outra:

-Você acredita que eu tive que ficar parada em pé durante duas horas porque a escada rolante quebrou?

A outra então responde:

-Ué?! Mas a escada não tinha degraus?

-Sim. Tinha.-Então por que você não sentou?

Piada 33***A extração do rim***

A loira passeava pelo shopping quando, de repente, encontra uma velha conhecida:

- Nossa, maravilhosa! Como você emagreceu!

- Poisé... Perdi quinze quilos! Eu tive de extrair um rim!

- Credo! Eu não sabia que um rim pesava tanto...

Piada 34**Loira conversando com a morena**

Um certo dia a loira viu uma amiga que ela não via a muito tempo e disse:

- E ai amiga tudo bom?- Tudo e com você?

- você não soube,o meu marido morreu.

- Como?

- Eu pedi a ele que fosse comprar açúcar, para que eu tomasse café, ai no meio do caminho um carro o atropelou e ele não resistiu!!

- E ai o que você fez?

- Ah mulher, eu tomei café sem açúcar mesmo!!!

Piada 35**O Grande Teste**

Três loiras estavam fazendo teste para se tornarem investigadoras. O policial chamou a 1ª, mostrou a foto de um rapaz de perfil durante uns 15 segundos e depois perguntou:

- Qual a característica mais marcante deste sujeito?

Ele só tem um olho.

Tentando esconder seu espanto pela burrice da moça, ele chamou a segunda e mostrou a mesma foto e fez a mesma pergunta. Ela respondeu:

- Ele só tem uma orelha.

O policial chamou a terceira, mostrou a foto e também fez a mesma pergunta. Ela respondeu:

- Ele usa lentes de contato!

- Perfeito! Como foi que a senhora descobriu?- Foi fácil, Se o cara só tem um olho e uma orelha, como ele iria usar óculos? **Pergunta facil**

Uma loira pergunta para a outra loira:

- Amiga! O que é mais perto? O Japão ou a Lua?

A outra loira, rindo, pergunta:

- Hahaha... Essa é fácil. Amiga você consegue ver o Japão daqui?

Ela responde:

- Não...

A outra loira com firmeza responde:

- Então é claro que é a Lua!

Piada 36

A loira e o apagão

Uma loira contando pra outra:

- amiga ontem eu fui ao shopping e acabou a luz, eu estava na escada rolante fiquei horas em pé.

A amiga falou:

- Nossa mais essa escada não tinha degrau?

Piada 37

Frio

Em uma casa morava uma loira e uma morena. Numa manhã , a morena olha na janela e fala :

_Olha o frio Ta chegando.

em seguida a Loira olha e Pergunta:

_Cadê? Cadê???

Piada 38**Loira na canoa**

Certo dia em uma universidade, havia uma loira que estava remando na grama dentro de uma canoa, outra loira CDF viu e foi protestar.

- é por causa de pessoas como você que estragam a nossa reputação só por que nós somos loiras. Eu só não vou aí te bater por que eu não sei nadar....

Piada 39**Passeio de veleiro**

Uma loira está passeando com um amigo no veleiro, e comenta:

- Puxa! A tua cama triangular, deve ser muito grande!

O amigo responde;

- Não é não! É uma cama de casal do tamanho outras. Por que é você acha que minha cama é triangular?

A loira olha para as duas velas do barco e diz:

- É que os lençóis, que estão secando no varal são tão grandes e triangulares!!!

Piada 40**A mais bonita**

A loira ligou para a amiga e perguntou:

- Amiga quem é a mais bonita, eu ou a baranga da jurema.

A ligação caiu na hora da amiga dela responder. E o telefone desligado ficou:

- Tu, tu, tu, tu, tu!!!

Ela ficou toda alegre.

Piada 41**Loiras pendurando um quadro**

Uma loira quer colocar um prego na parede para pendurar um quadro, mas encosta a cabeça do prego na parede e bate com o martelo na ponta do prego.

Outra loira que assiste a cena, lhe diz:

- Ora amiga!!! Então não vês, que esse prego é da parede ali da frente?

Piada 42**O ventríloquo**

Um jovem ventríloquo estava fazendo uma turnê e foi dar um espetáculo num bar em uma cidadezinha. Estava exibindo seu repertório usual sobre a burrice das loiras quando uma loiraça sentada na quarta fileira levantou-se e disse:

- Já ouvi o suficiente das suas piadas denegrindo as loiras, seu idiota! O que o faz pensar que pode estereotipar as mulheres desse jeito? O que tem a ver os atributos físicos de uma pessoa com o seu valor como ser humano? São caras como você que impedem que mulheres como eu sejam respeitadas no trabalho e na comunidade, que nos impedem de alcançar o pleno potencial como pessoa! Por sua causa e por causa das pessoas da sua laia perpetua-se a discriminação não só contra as loiras, mas contra as mulheres em geral... e tudo em nome do humor!

Confuso, o ventríloquo começou a se desculpar, e aloira, em tom esganiçado, diz:

- Fique fora disso, senhor, estou falando com esse rapazinho que está sentado no seu colo!

Piada 43**A loira no restaurante**

A loira foi no restaurante, e ficou apertada para ir ao banheiro..E foi bem no ouvido do garçom e perguntou:

-Garçom onde é o banheiro??

Ai ele respondeu:

-Do outro lado.

Ai ela foi do outro lado do ouvido dele e perguntou:

-Onde é o banheiro?

Piada 44**A loira bêbada**

A loira tinha brigado com o namorado e foi para o bar beber chegando lá ela encheu a cara e um amigo ligou:

- Oi, tô aki numa festa vem pra cá!

O amigo deu o endereço.

A loira foi .

entrou numa rua contra-mão e o guarda a parou e perguntou :

- onde vc pensa q vai?

- bem eu ia numa festa mas parece que já acabou pq tá todo mundo voltando!!!!!!